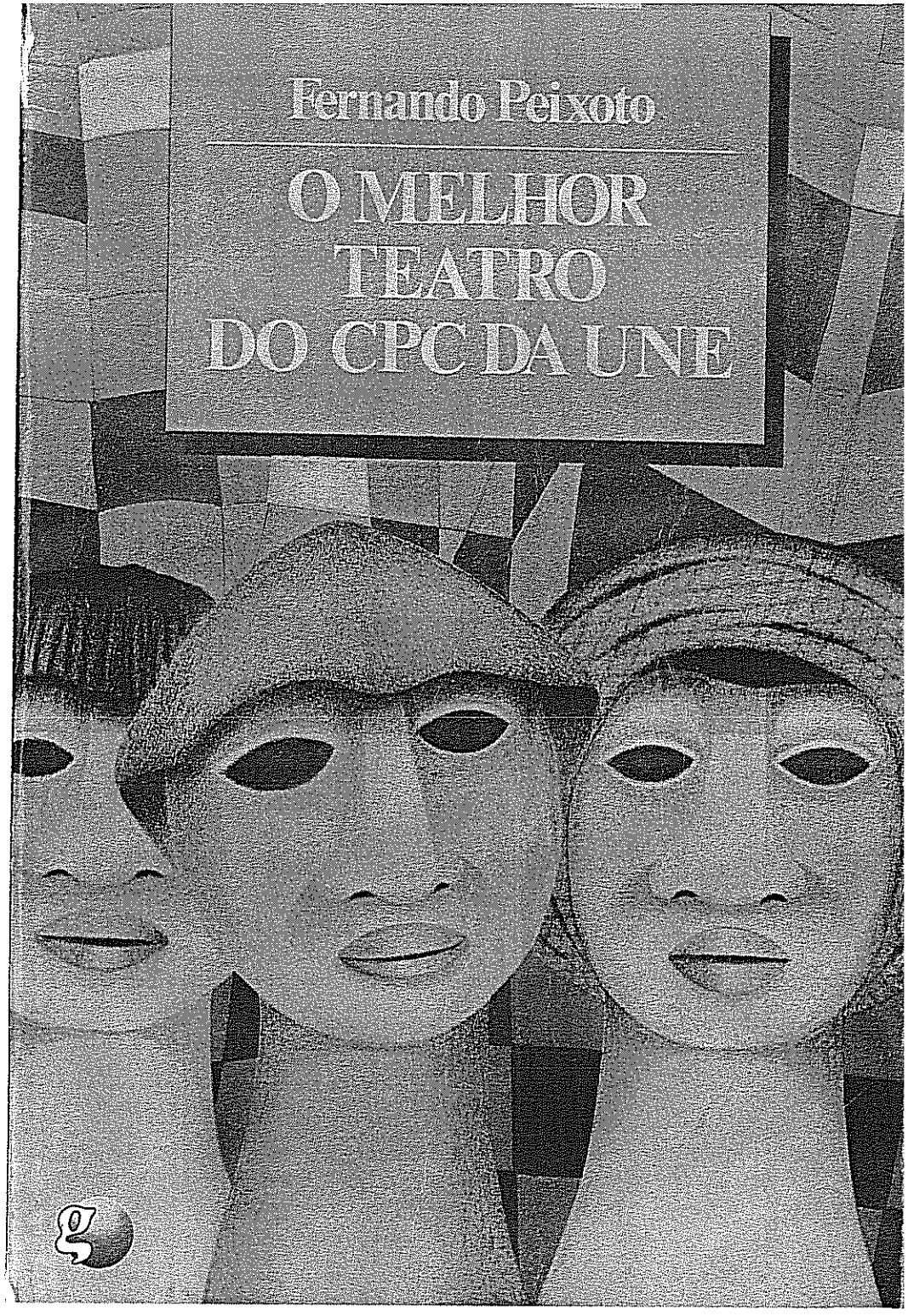
Fernando Peixoto
O MELHOR
TEATRO
DO CPC DA UNE

O MELHOR TEATRO DO CPC DA UNE

Direção
SÁBATO MAGALDI

Fernando Peixoto

O MELHOR TEATRO DO CPC DA UNE

global editora

© Fernando Peixoto, 1989

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Supervisão Gráfica: Nadia Basso
Diagramação e Revisão (coord.): Fernando de B. Gião
Revisão: Hilton C. Mattos
J. Carlos de Campos
Gilmar Corazza
Arte-final: Paulo S. Cassares
Jefferson L. Alves
Composição: TECHNEWS - Tecnologia em Composição
Jair A. Celestino

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Melhor teatro do CPC da UNE / Fernando Peixoto [organizador]. — São Paulo : Global, 1989. — (O melhor teatro)

ISBN 85-260-0237-6

1. Movimentos estudantis - Brasil - Teatro 2. Teatro político brasileiro I. Peixoto, Fernando, 1937- II. União Nacional dos Estudantes. Centro Popular de Cultura. III. Série.

89-1613 CDD-869.92080358

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Teatro político : Literatura : Coletâneas 869.92080358
2. Coletâneas : Teatro político : Literatura brasileira 869.92080358
3. Teatro político : Literatura brasileira : Coletâneas 869.92080358

Nº de catálogo: 1710

Direitos reservados:
Global editora e distribuidora ltda.
Rua França Pinto, 836
Fone: (011) 572-4473
Cep 04016 – V. Mariana
Cx. Postal 45329
São Paulo – SP

Rua Mariz e Barros, 39
conjs. 26/36
Fone: (021) 273-5944
Cep 20270 – Tijuca
Rio de Janeiro – RJ

SUMÁRIO

CPC: O TEATRO A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO (Fernando Peixoto) 7

1. NÃO TEM IMPERALISMO NO BRASIL (Augusto Boal) 23
2. O PETRÓLEO FICOU NOSSO (Armando Costa) 31
3. PETRÓLEO E GUERRA NA ARGÉLIA (Carlos Estêvam Martins) 39
4. CLARA DO PARAGUAI (Armando Costa) 49
5. A ESTÓRIA DO FORMIGUINHO OU DEUS AJUDA OS BÃO (Arnaldo Jabor) 71
6. AUTO DOS NOVENTA E NOVE POR CENTO (Antônio Carlos Fontoura, Armando Costa, Carlos Estêvam Martins, Cecil Thiré, Marcos Aurélio Garcia e Oduvaldo Vianna Filho) 101
7. A VEZ DA RECUSA (Carlos Estêvam Martins) 137
8. BRASIL — VERSÃO BRASILEIRA (Oduvaldo Vianna Filho) 249

FERNANDO PEIXOTO é diretor do Instituto de Teatro da Fundação Nacional de Artes Cênicas do Ministério da Cultura e é membro da Comissão Executiva da "Escola Internacional de Teatro para a América Latina e o Caribe". Em 1962 foi membro do CPC (diretor e ator) de Porto Alegre, onde nasceu em 1937. Jornalista, crítico teatral, editor de cultura dos semanários *Opinião* e *Movimento*, Peixoto tem mais de uma dezena de livros publicados, entre eles: "Brecht - Vida e Obra", "Maiakovski - Vida e Obra", "Sade - Vida e Obra", "Brecht - Uma Introdução ao Teatro Dialético", "O que é Teatro", "Teatro em Movimento" e "Vianinha: Teatro - Televisão - Política". Um dos diretores e sócios do Teatro Oficina de S. Paulo (1962 - 1970), atuou em diversos espetáculos como "Pequenos Burgueses" de M. Górki e "Andorra" de Marx Frish. Atuou, também, no Teatro de Arena em peças de Boal e Guarnieri. Como encenador, realizou "Tambores na Noite" de Brecht, "Mortos sem Sepultura" de Jean-Paul Sartre, "Calabar" de Chico Buarque e Ruy Guerra, "O Navio-Fantasma" de Wagner etc. Diversificando seu trabalho em cinema, teatro e televisão, participou recentemente do filme "Faca de Dois Gumes" de Murilo Salles e no teatro sua última atuação foi em "A Cerimônia do Adeus" de Mauro Rasi (89).

CPC: O PROJETO DE UM TEATRO A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO

Fernando Peixoto

Esta seleção de textos e este prefácio são dedicados à memória de inesquecíveis companheiros do CPC:

— *Oduvaldo Vianna Filho*
— *Paulo Pontes*
— *Armando Costa*
— *Leon Hirszman*

APRESENTADOR — *O CPC esteve em todas. O CPC não teve mãos a medir. Maior que a fila do feijão, maior que a fila do arroz era a fila na porta do CPC. Fila pedindo peça. Peça pra comício, peça pra caminhão, peça pra camponês.* (De um lado, mil caras na fila. Do outro, mil outros caras.)

FILA 1 — *Queria uma peça pra levar no Sindicato. Sobre greve... será que ainda tem?*

APRESENTADOR — (Para dentro) *Ainda tem peça sobre greve?*

CARA 1 — *Acabou tudo. O Pacto Sindical levou o estoque.*

APRESENTADOR — *Então escreve uma aí depressinha pro nosso amigo.*

CARA 1 — (Para Fila 1) *Qual é a greve, meu filho?* (Para dentro) *Cadê o estêncil?*

APRESENTADOR — (Para um grupo de atores) *Vocês, aí. Vocês ficam ali atrás da máquina. Enquanto ele escreve, vocês aproveitam e já vão ensaiando.* (Fica o Cara 1 escrevendo, os outros ensaiando e o Fila 1 explicando.)

FILA 2 — *Queria uma peça sobre reforma agrária.*

APRESENTADOR — *Você é camponês?*

FILA 2 — *Não, sou da Prefeitura. Do serviço de parques e jardins. Não podia ter uma peça dizendo que a gente pode plantar feijão nas praças?*

APRESENTADOR — (Apontando outro grupo do CPC) *Corre ali que eles fazem uma pra você.*

FILA 3 — *Queria uma peça contra o meu tio.*

APRESENTADOR — *Que que interessa o seu tio?!*

FILA 3 — *Ele é lacerdista.*

APRESENTADOR — *Não pode, velho. Nós tamos com um elenco em São Paulo, outro em Mato Grosso. Não tem elenco pra fazer peça pro seu tio.* (Vendo o próximo da fila) *Aldo Arantes!*

UNS E OUTROS — *Olha o Aldo. Que que houve, Aldo? Fala, presidente.*

ALDO — *Cadê a peça que eu pedi? O Congresso já começou e vocês não fizeram a peça sobre os 25 anos da UNE!* (Algazarra geral)

(do AUTO DO RELATÓRIO, *do CPC da UNE)*

Parece só brincadeira, autogozação. Mas a verdade é que, de dezembro de 1961 a março de 1964, em muitos momentos especialmente urgentes e conturbados da vida política brasileira (e também estrangeira, quando, por exemplo, em 1962, os Estados Unidos, alegando a instalação de mísseis soviéticos em Cuba, iniciaram um criminoso bloqueio naval à ilha), o Centro Popular de Cultura se transformou, em muitas ocasiões, nesta espécie de "pastelaria" de dramaturgia e espetáculos. Nessa época assumia integralmente, com plena consciência de sua necessidade e limites, uma tarefa de agitação e propaganda deliberadamente circunstancial. E sem medo de um inevitável esquematismo: o objetivo não era substituir o imprescindível comício ou a passeata, mas sim ajudar com o espetáculo teatral — geralmente a sátira de efeito imediato — contribuindo, graças ao quase improvisado trabalho histriônico dos atores, como urgente elemento lúdico e participante.

Mas o teatro do CPC não foi apenas isso: alguns textos, hoje praticamente ignorados, revelam uma elaboração mais cuidada, inclusive recuperando e investigando aspectos da revista e da comédia popular, ou chegando mesmo a uma dramaturgia de surpreendente vigor, aprofundando questões de comportamento político mesmo de forma controvertida, fornecendo elementos para uma reflexão dos inesgotáveis sentidos da teatralidade.

PRÁTICA & TEORIA

Nesses últimos anos, muito tem sido escrito, ou também discutido em debates, procurando revisar criticamente o significado desse movimento, que, com erros e acertos, situa alguns pontos fundamentais relativos à reflexão sobre a questão da cultura popular. Sobretudo porque envolve um tema que efetivamente precisa ser retomado com lucidez e serenidade: as relações difíceis e complexas entre o intelectual e a transformação da estrutura social, entre política e estética. Paradoxalmente, as mais graves distorções ou equívocos nascem tanto de seus fanáticos inimigos, de esquerda ou direita, como também de seus não menos fanáticos defensores. Entre os quais se situam alguns que imaginam até ser possível esquecer os últimos vinte anos e recomeçar tudo de onde tudo parou... Melhor, foi parado.

O CPC, oficialmente organizado em abril de 1961, não foi

um bloco monolítico, isento de divergências e contradições internas: havia um clima permanente de crítica e autocrítica, um questionamento e uma inquietação viva incentivada pela evolução da situação política do país e pela ânsia de participação social e política, cada vez mais intensa, de inúmeros intelectuais e artistas em diversos Estados. Foi inesperada a gestação de um comportamento novo, construído também com dúvidas e incertezas. Todo esse processo foi interrompido e destruído com perseguição e violência pelo golpe militar de 64. É extremamente útil promover, junto às novas gerações, a conseqüente revisão crítica dessa trajetória interrompida. E não perder esta perspectiva: um movimento interrompido pelas armas militares da reação. Mas até agora este trabalho tem tomado por base quase única alguns textos teóricos, assim como entrevistas e depoimentos mais recentes dos que militaram nas fileiras do movimento. Uma das possíveis utilidades desta seleção de textos será finalmente colocar em discussão mais concreta pelo menos um dos mais fecundos terrenos da diferenciada e múltipla prática do CPC — sua dramaturgia.

É evidente que o debate no plano teórico é essencial. Mas nem sempre tem sido colocado de forma correta — o CPC nem sempre tem sido examinado como expressão de um contexto histórico específico, grávido de contradições bastante singulares tanto no nível político, nacional e internacional, quanto no nível cultural. Uma questão extremamente complexa, que evidentemente não cabe aprofundar aqui: no nível político é impossível pensar o CPC fora dos nem sempre nítidos contornos que assumia, no Brasil de 1961 a 1964, o projeto de reformas de base e de desenvolvimentismo nacional frente a um reordenamento monopolista do capitalismo internacional e especialmente em face de uma agressiva redefinição do imperialismo norte-americano em relação à América Latina após o triunfo da Revolução Cubana, em janeiro de 1959. Assim como não é possível eludir a ascensão do movimento operário organizado ou a formação das Ligas Camponesas, nem deixar de fazer uma revisão crítica conseqüente, no plano do pensamento crítico e da reflexão teórica e mesmo acadêmica, do papel desempenhado pela ideologia nacionalista enunciada e proposta pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Ou sem levar em conta as constantes variações da disputa pela hegemonia do movimento estudantil, dentro da própria União Nacional de Estudantes, principalmente entre militantes da Ação Popular (AP), de orientação católico-progressista, e militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sem dúvida a organização que, através do incansável trabalho de seus mais conseqüentes artistas e intelectuais, conduzia, de forma mais hegemônica e organizada, o trabalho cultural desenvolvido pelo Centro Popular de Cultura. E ainda no nível mais restrito, mas não menos significativo, da radicalização ideológica da batalha cultural, seria indispensável examinar o peso do movimento concretista ou neoconcretista, que pretendia assumir a vanguarda da produção cultural nacional (com um conceito de nacional-exportação que se confrontava com a intenção nacional-popular defendida pelo CPC), como também seria preciso levar em conta o esforço da "instauração praxis", onde o radicalismo da pesquisa formal não excluía a integração do tema social, conduzido em São Paulo pelo poeta Mário Chamie. É uma imensa e contraditória rede de segmentos e tendências políticas e culturais. Neste sentido é preciso compreender que o CPC, com objetivo de contribuir para a conscientização popular, efetivamente aspirava a se constituir uma nova vanguarda, a partir de conceitos, nem sempre bem explicitados ou bem defendidos de elementos esparsos de uma estética marxista (em termos de teatro, simplificando bastante: mais Piscator, isto é, comício e agitação, do que Brecht, ou seja, reflexão e crítica): inclusive assumindo a produção de uma arte de cima para baixo como passo para instaurar uma arte de baixo para cima. E assim entregando à posteridade seu calcanhar de Aquiles: a acusação de sectarismo, de imposição de palavras de ordem, dificuldade de relação com o público popular, de privilégio da mensagem política em detrimento da expressão estética, de festividade revolucionária desvinculada do verdadeiro movimento das massas trabalhadoras, populismo etc. Há certamente muita verdade em tudo isso. Mas a simplificação não facilita a compreensão do real: em 63 foi, em certo sentido, redescoberto o herói nacional, como menciona Gullar. Não Macunaíma, mas João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado na Paraíba.

No nível teórico, o CPC nos deixou alguns textos essenciais, além das valiosas anotações e das últimas entrevistas, marcadas aliás por uma autocrítica implacável, de Oduvaldo Vianna Filho: o livro *A Questão da Cultura Popular*, de Carlos Estêvam Martins (Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1963), e o livro *Cultura Posta em Questão*, de Ferreira Gullar (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira — escrito em 62/63, que teve sua primeira

edição destruída pela ditadura em 1964, mas chegou às livrarias, como se fosse primeira edição, em 1965). O de Carlos Estêvam Martins inclui o maior alvo dos que sistematicamente atacam o CPC: o "Anteprojeto ao Manifesto do Centro Popular de Cultura", que geralmente é citado como se fosse o "Manifesto", sem menção ao fato, importantíssimo por tudo que implica, de que foi apenas um "Anteprojeto". Um texto fascinante, extremamente valioso, discutível, mas que procurava sistematizar uma defesa da cultura popular revolucionária, que seria entregue ao povo por sua nova vanguarda. Mas o livro de Gullar, ainda que evidentemente também datado, é conceitualmente mais rigoroso e mais aberto, disseca historicamente a função social do artista, e assim transcende em muitos aspectos o instante em que foi proposto: analisa a cultura brasileira de forma crítica defendendo um novo comportamento sem cair no vazio de conceitos abstratos. Ambos são documentos reveladores instigantes e essenciais.

Aliás, sobre o significado desta geração empenhada em pensar criticamente a sociedade e a cultura brasileira dividida em classes, procurando na prática a realização de um equilíbrio novo em nível de política e estética, que não resulte num duplo fracasso, cabe citar um outro texto de Gullar: "Na época, o radicalismo participante do CPC repugnava os doutores da literatura e da arte. Era a barbárie invadindo os salões delicados da cultura nacional. Não obstante, lá estavam os germes do novo cinema político brasileiro, do novo teatro brasileiro, da nova música popular de protesto, enfim, de todo esse movimento cultural que hoje domina a atualidade artística do Brasil. E mais: nascia lá um pensamento cultural novo que, vencendo o radicalismo inicial necessário, aprofunda a visão de uma arte brasileira e ao mesmo tempo universal, amplia em suas colocações filosóficas e inquieta na procura de nossos valores expressivos. O movimento de cultura popular foi, sem dúvida, um fenômeno inesperado no processo cultural brasileiro: jovens intelectuais e artistas voltam suas costas para os círculos reconhecidos da vida cultural e artística, unem-se aos universitários nas entidades de massa, vão aos sindicatos e às praças públicas, buscam o diálogo com o povo — neste esforço recolocaram para si e para os demais os problemas da arte. Pode-se afirmar, sem medo de erro, que este caminho nem Mallarmé nem Pound jamais sonharam!".

A ORGANIZAÇÃO DO CPC DA UNE

Em 1960, o Teatro de Arena de São Paulo foi para o Rio de Janeiro e perdeu um de seus mais conseqüentes e ativos elementos: Oduvaldo Vianna Filho. Profundamente insatisfeito com as perspectivas do trabalho no teatro profissional, condicionado a um público não popular, Vianinha pensa num projeto mais "político": sonha com um teatro feito "com evidências", com "um teatro de criação e não de imitação do real. Um teatro otimista, direto, violento, satírico e revoltado como precisa ser o povo brasileiro". Vianinha escreve *A Mais-valia Vai Acabar, Seu Edgar*, propondo-se até mesmo a romper com os limites do subjetivismo dos personagens, que considerava inerente ao teatro realista. Certamente, já é nítida a influência de Brecht — ainda que paradoxalmente, talvez o que mais tenha faltado ao CPC tenha sido uma compreensão mais profunda e conseqüente das teorias marxistas de Brecht. Para obter melhores informações sobre a questão sócio-econômica, que seria a temática de *A mais-valia...*, Vianinha procurou o ISEB.

E no ISEB encontrou Carlos Estêvam, que iniciava sua carreira de sociólogo depois de formado em Filosofia. A peça acabou sendo encenada no pátio interno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, e surge aí a idéia de organização de um Centro Popular de Cultura.

Estêvam já conhecia, através do próprio ISEB, o trabalho de alfabetização de Paulo Freire no Nordeste e as experiências de cultura popular desenvolvidas em Pernambuco pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), órgão da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife.

O CPC foi fundado em 1961, vinculado à União Nacional de Estudantes (UNE), órgão combativo do movimento estudantil brasileiro desde 1937: adquire estatuto jurídico em 8 de março de 1962, numa Assembléia Geral da UNE, com autonomia administrativa e financeira, através da aprovação de um Regimento Interno. No segundo artigo são definidas as finalidades: promover atividades culturais nos setores teatrais, cinematográficos, musicais, das artes plásticas e outras, e "elevar o nível de conscientização das massas populares". O primeiro espetáculo foi uma nova encenação de *Eles Não Usam Black-tie,* de Gianfrancesco Guarnieri.

Durante os poucos anos de vida do CPC, foram três os presidentes da UNE: Aldo Arantes (61/62), Vinicius Caldeira Brandt (62/63)

e José Serra (63/64). E também três os dirigentes do CPC: Carlos Estêvam (dezembro de 61 a dezembro de 62), Carlos Diégues (durante apenas três meses), Ferreira Gullar (até o fim, com o golpe militar de 64, quando a entidade é dissolvida com metralhadoras, a sede da UNE é incendiada, os membros do CPC são presos ou conseguem fugir).

Nem sempre foram fáceis as relações entre CPC e UNE: a entidade estudantil tentou, às vezes, submeter seu órgão cultural à sua conturbada política interna, haviam divergências ideológicas inevitáveis. Mas o CPC transformou-se logo numa epidemia nacional: núcleos eram fundados em quase todos os Estados, haviam vários CPCs no Rio. Sobretudo a partir de uma feliz iniciativa da UNE: a criação da chamada UNE-Volante. Mas o CPC, rigorosamente, só participou da primeira: quando organizada a segunda, foi necessário contratar artistas profissionais para acompanharem os estudantes.

As dificuldades chegaram até mesmo à censura interna: a primeira encenação da peça de Carlos Estêvam, *A Vez da Recusa*, incluída nesta antologia, talvez o texto mais polêmico e fascinante da dramaturgia do CPC justamente porque questiona o próprio significado da proclamada aliança operário-estudantil, foi julgada inoportuna e proibida pela própria direção da UNE após sua estréia, em Niterói, dirigida por Chico de Assis.

PRINCIPAIS ATIVIDADES DO CPC

É impossível resumir as atividades do CPC da UNE: conferências; debates; seminários; espetáculos musicais; edição de um calendário, em São Paulo, com ilustrações especiais de expressivos artistas plásticos; teatro em comícios; teatro na rua e em caminhões; teatro em universidades e sindicatos; teatro em ligas camponesas e congressos operários; produção e gravação do disco *O Povo Canta*, que vendeu onze mil exemplares em três anos (incluindo a célebre e sempre atual *Canção do Subdesenvolvido*, de Chico de Assis e Carlos Lyra); edição de coletâneas de poemas de Geir Campos, Ferreira Gullar, Moacyr Félix, Afonso Romano Sant'Anna, Reynaldo Jansim, Paulo M. Campos, José Carlos Capinam e outros; cinco livros de cordel (entre eles, *João Boa-morte, Cabra Marcado pra Morrer*, de Ferreira Gullar); edição de mais de vinte "*Cadernos do Povo Brasileiro*", juntamente com a Editora Civilização Brasileira

numa coleção dirigida por Ênio Silveira e Álvaro Vieira Pinto, cujo primeiro título foi *O que São as Ligas Camponesas*, de Francisco Julião; realização, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em dezembro de 1962, da *Primeira Noite da Música Popular Brasileira;* produção do filme *Cinco Vezes Favela* (reunindo os episódios *Um Favelado*, de Marcos Farias, *Zé da Cachorra*, de Miguel Borges, *Escola de Samba, Alegria de Viver*, de Carlos Diegues, *Pedreira de São Diogo*, de Leon Hirszman, e *Couro de Gato* de Joaquim Pedro de Andrade); apresentação do *Auto do Relatório* no Congresso de 25 anos da UNE no Hotel Quitandinha, em 1962 (último congresso legal da entidade antes do golpe); atores presos; aparelhagem de som às vezes destruída, livros apreendidos na porta da Central do Brasil; três Festivais de Cultura Popular (setembro 1962, fevereiro 1963, setembro 1963); um espetáculo feito na escadaria do Palácio Tiradentes sobre o bloqueio de Cuba, sendo ensaiado à medida que ia sendo escrito; realização do documentário *Isto é Brasil* durante a primeira UNE-Volante etc. E ainda a produção do filme *Cabra Marcado pra Morrer*, de Eduardo Coutinho, interrompida pelo golpe militar em 1964, com o material apreendido e membros da equipe presos, e agora, vinte anos depois, finalmente concluído pelo mesmo diretor, resultando numa obra extraordinária, muito mais fascinante e abrangente que o projeto original — talvez o mais vigoroso e revelador instante do cinema brasileiro nestes vinte anos de ditadura. O CPC teve uma ação múltipla, uma visão conseqüente e, para a época, surpreendente e audaciosa: combater o imperialismo em todas as frentes, arriscando até mesmo a produção de discos e filmes. Uma produção assumida até mesmo em nível de escala industrial, embrião de uma empresa popular de cultura.

Movimento essencialmente multiplicador, passou pelo CPC toda uma geração de artistas e intelectuais que ainda hoje se destacam, com obras que refletem tempos novos, menos ou mais fiéis à referência irrecusável dos ideais de sua juventude. Através de inúmeras manifestações, no nível da cultura e da política, o CPC ainda se desdobra, irreversivelmente abortado pela violência da repressão, mas indicando estimulantes propostas que, se não devem ser consideradas como dogmas ou modelos, nem por isso devem ser escamoteadas ou esquecidas, pois cabe reencontrar urgentes caminhos para que o processo cultural e artístico brasileiro não se restrinja à expressão das classes dominantes e não permaneça alheio às reivindicações e lutas dos setores progressistas e dos

trabalhadores em seu processo de libertação econômica, social e política.

É, sem dúvida, oportuno recordarmos palavras de Brecht: "Somente com o progresso dos trabalhadores, e somente se nos colocarmos a serviço deste progresso, a arte será capaz de progredir". Seria isso que Vianinha quis afirmar quando disse que o novo, em relação à situação cultural da sociedade, não é necessariamente o novo na história da arte? Como enfrentar esse desafio difícil, sobretudo para aqueles que possuem a certeza de que, para servir à revolução, o trabalho artístico, mesmo que tenha de ser eventualmente assumido como contingente, quando isto for historicamente necessário, não deve empobrecer-se ou reduzir-se, mas sim, ao contrário, deve avançar no aprofundamento dos temas e no confronto crítico com a realidade e ser ao mesmo tempo democrático, mais criativo e mais impulsionado pela pluralista e livre pesquisa da invenção criativa de uma linguagem transgressora expressiva, renovadora e penetrante?

ARTE E/OU POLÍTICA? ESTÉTICA E/OU PEDAGOGIA?

Nos poucos anos de sua prática, o CPC produziu, além dos livros de Estêvam e Gullar, também uma série de instigante material teórico. O primeiro foi o "anteprojeto do manifesto". Segundo a revisão crítica de Luiz Werneck Vianna, foi um texto redigido com força e declarado espírito de rebeldia, um programa que propõe uma ação sobre a realidade sem levar em consideração as particularidades objetivas do terreno em que deveria operar, "sem lhes definir as contradições e o sentido de seu processo. A linha do manifesto é um ato puro de vontade; esse o seu erro e também sua maior grandeza, considerada a ingenuidade política daquela geração, que só encontrou condições favoráveis de amadurecimento após o golpe". E ainda: "O Manifesto conclamava à militância revolucionária integral, para a organização e conscientização das massas, e o fazia a partir da conclusão de que a questão visceral ao tempo era a revolução política, e que a cultura era um meio revolucionário eficaz para sua ativação".

A questão envolvendo estética e pedagogia, ou instrumentalização da expressão artística, está claramente exposta num trecho

de um depoimento de Carlos Estêvam Martins em 1978 ao Centro de Estudos da Arte Contemporânea: "Não havia exigências em termos de criação estética, e a filosofia dominante no CPC era essa: a forma não interessava enquanto expressão do artista. O que interessava era o conteúdo e a forma enquanto comunicação com o público, com o nosso público. Uma vez, fomos com a Carreta para o Largo do Machado; estávamos fazendo um espetáculo em um dos lados da praça, enquanto que no outro havia um sanfoneiro e um sujeito tocando pandeiro. Apesar de todo nosso equipamento de som e luz, o sanfoneiro e o pandeirista juntavam mais gente que nós. Saímos dali para fazer uma reunião de avaliação e saiu uma pauleira fenomenal. Lembro-me de que me pus aos berros: 'Não é possível, isto é um fracasso total e completo, eu vou sair com os sanfoneiros e vocês ficam aqui. Vocês pretendem se comunicar com a massa e estão levando uma linguagem que não está passando'. Foi daí que surgiu esta concepção do CPC de que deveríamos usar as formas populares e rechear estas formas com o melhor conteúdo ideológico possível. Isso deixava o pessoal que era artista com mágoa. O Glauber Rocha, por exemplo, não conseguiu se ligar à gente, sua mulher, Helena Ignez, trabalhou em várias peças nossas, ela era membro efetivo do CPC, mas Glauber, que sonhava ser um grande cineasta, não podia aceitar aquela camisa-de-força, uma atividade que, se tivesse algum mérito, seria educacional e político e nunca artístico. O objetivo era educar, via utilização das artes".

Com isso, Estêvam coloca em discussão, e questiona com lucidez, a tensão permanente, naquela experiência historicamente definida, entre a expressão e a criação livre em conflito ou contradição com a disciplina ou a opção de militância.

OS TEXTOS DE TEATRO DO CPC

Muitos dos textos produzidos pelo CPC hoje estão desaparecidos. Alguns definitivamente perdidos. Em 1964, muitas páginas acabaram no fogo, para segurança de seus autores ou de inocentes e até ocasionais possuidores. Do que consegui conservar, e do que consegui reunir nestes últimos anos (muita coisa me foi passada por Tereza Aragão e Ferreira Gullar), muitas páginas estão em péssimo estado, alguns textos são originais e outros são cópias

de trabalho, bastante riscadas. Não foi nada fácil chegar a esta seleção, talvez uma primeira seleção. E, sem dúvida, pessoal e discutível.

Muita coisa ficou de fora. Principalmente peças curtas de Vianinha sobre Cuba, que não encontrei, como *Cuba si, Yanques no* e *Patria ou Muerte,* ou outra cuja ação transcorre nos Estados Unidos, *Mundo Enterrado.* De Vianinha ficaram de fora três textos essenciais: *A Mais-valia Vai Acabar, Seu Edgar* (escrita em 1960, está editada em *Oduvaldo Vianna Filho/1-Teatro,* único volume de um projeto de edição completa das obras de Vianinha, infelizmente interrompido, Rio de Janeiro: Editora Muro, 1981), *Os Azeredos e os Benevides* (escrita em 1963, recebeu o prêmio Serviço Nacional de Teatro, do Ministério de Educação e Cultura, em 1966, tendo sido então publicada pelo STN, edição hoje esgotada) e *O Filho da Besta Torta do Paéu* (era este o primeiro título de *Quatro Quadras de Terra*: escrita em 1963, recebeu em 64 o prêmio "Casa de las Americas" em Cuba e está também no citado volume publicado pela Muro).

Ficaram também de fora: a peça infantil de Helena Sanches *o Mistério do Saci*; a *Conferência Ilustrada sobre o Petróleo*, de Elísio Medeiros Pires Filho (que incluía cenas de vários autores); o *Auto do Relatório*, já mencionado (provavelmente os redatores principais foram Vianinha e Armando Costa: este último, antes de morrer repentinamente, em 1984, afirmava que o autor era só Vianinha, mas Armando foi sempre esse doce, terno mistério insondável da dramaturgia nacional escreveu muita coisa com Vianinha ou com Paulo Pontes, mas sempre escondia ou excluía seu nome, que foi sem dúvida um dos mais combatentes e expressivos da dramaturgia desta geração, tanto em teatro como em televisão); a *Triste História do Candidato Cordato,* de Olga Regina (o personagem principal, candidato, divide-se em dois, o Bom e o Mau, num esboço maniqueísta esquemático para fins didáticos); *Pátria Livre*, de autor desconhecido (com personagens simbólicos e esquemáticos, é uma alegoria política diferente de outros textos do CPC: enfrentando personagens como Latifúndio, o Capitalismo e a América do Norte, acaba com o casamento da Indústria com o Operário e o da Terra com o Camponês, tendo como padrinho o Socialismo...), o *Auto do Tutu Tá no Fim*, em que a equipe do CPC da Faculdade Nacional de Filosofia reuniu dados no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, então Guanabara, e se juntou com a equipe

de redação do CPC da Faculdade Nacional de Direito e do CPC da UNE para escrever o texto, apresentado no Congresso dos Metalúrgicos); o *Auto do Cassetete* (escrito pela equipe de redação do CPC contra a violência de Carlos Lacerda sobre os universitários da Guanabara após a proibição de encenarem o *Auto dos 99%* na escadaria da ex-Câmara de Vereadores, por ocasião de um comício da UNE dissolvido por policiais a cavalos: em dedicatória, o CPC agradece a Lacerda, sem cuja colaboração a peça jamais teria sido escrita); e, ainda, entre outras que nem sei se existem, *A Estória de um Sultão Muito Safado e Suas Implicações Imperialistas*, de Milton Feferman. Excluí também textos produzidos por CPC de outros Estados, com o *Mutirão do Novo Sol*, escrito pela equipe de São Paulo. Ou textos escritos como conseqüência direta do contagiante projeto do CPC, como o fascinante, hoje ainda perdido, *O Despacho*, de Mário de Almeida, escrito e encenado em Porto Alegre em 1961 pelo Teatro de Equipe.

SOBRE OS OITO TEXTOS SELECIONADOS

Finalmente, do material aqui recolhido, as quatro primeiras peças são bastante curtas. Duas cenas rápidas, para agitação imediata, *Não tem imperialismo no Brasil*, de Augusto Boal, que fazia de um mural intitulado *Miséria ao Alcance de Todos*; e *o Petróleo Ficou Nosso,* outro exemplo de teatro para rua ou caminhão, escrita por Armando Costa, parte do mural *Imperialismo e Petróleo.* Um pouco mais elaborados, procurando uma rápida análise de indecisões no comportamento pessoal e político em situações de conflito, são *Petróleo e Guerra na Argélia,* de Carlos Estêvam, e *Clara do Paraguai,* de Armando Costa. A primeira explora uma postura irônica, que transforma os personagens principais, oficiais do Exército francês, em fantoches do jogo imperialista norte-americano. Já a segunda se detém mais no heroísmo dos revolucionários paraguaios, na figura conflitante e trágica de um delegado brasileiro, também fantoche de forças que nem chega a compreender.

A *Estória do Formiguinho e Sua Porta*, de Arnaldo Jabor (hoje um dos mais conhecidos cineastas do país), foi um dos maiores êxitos do CPC: um favelado carioca, impedido de construir uma porta para proteger seu barraco, atravessa o país, de porta em porta, e chega até os Estados Unidos, seguindo o caminho indicado

por um bispo efeminado: "Você está vendo, lá ao longe, na curva da estrada, um posto da Esso? Pois é. Vá andando, de posto da Esso em posto da Esso, que você chega. Vá com Deus". Ele vai e, transformando em revolucionário, acaba voltando para sua favela — a viagem foi o conhecimento da engrenagem do poder num país dependente como o nosso. Texto extremamente ágil, propõe um espetáculo criativo e divertido: o humor inteligente foi uma das armas mais fortes do CPC.

E humor é o que não falta em cada minuto do *Auto dos 99%*, sátira desenfreada, e cuja ação começa no dia do Descobrimento do Brasil, ao processo de ensino, particularmente à Universidade, ridicularizada com grossa ironia e deboche irreverente e demolidor. Tem cinco autores: Antônio Carlos Fontoura (hoje cineasta), Armando Costa, Carlos Estêvam (hoje sociólogo em São Paulo), Cecil Thiré (ator e encenador, com intenso trabalho em televisão), Marco Aurélio Garcia (hoje professor na Universidade de Campinas) e Oduvaldo Vianna Filho.

Foi o único texto do CPC publicado na época: apareceu em setembro de 1962 nas páginas do primeiro número da revista *Tempo Brasileiro*, dirigida por Eduardo Portella, que depois foi Ministro de Educação e Cultura do primeiro período do governo João Figueiredo. O texto foi escrito em 62, para incentivar a discussão em torno da Reforma Universitária, e estreou como leitura dramática no II Seminário de Reforma Universitária realizado pela UNE em Curitiba. Sem dúvida foi sempre com o público universitário que o CPC melhor dialogou. O texto mantém surpreendente atualidade: o ensino universitário no Brasil ainda é elitista e catastrófico. Uma peça para figurar em qualquer repertório da comédia nacional. Em sua dedicatória afirma: "Sem a colaboração da Universidade, esta peça jamais poderia ser escrita". Foi um dos textos mais perseguidos pela repressão: onde era anunciado, chegava a polícia...

Obras sem dúvida mais maduras — enquanto dramaturgia e proposta cênica, enquanto coragem na discussão e aprofundamento das conflitantes relações entre opção política e vida individual, exercícios teatrias de intensa polêmica ideológica — são *Brasil, — Versão Brasileira,* de Oduvaldo Vianna Filho, escrita em 1962, e *A Vez da Recusa,* de Carlos Estêvam Martins. Ambas alternam cenas mais íntimas, onde prevalece um desenvolvimento psicológico, ainda que a origem dos conflitos seja sempre de natureza eminentemente política, com cenas de massa inéditas na dramaturgia nacional: reuniões de operários ou estudantes, reuniões de bases do PCB ou encontros de representantes do poder nacional e até internacional (norte-americano). Enquanto a estrutura de *A Vez da Recusa* é mais desigual (inclui até mesmo hilariantes momentos do *Auto dos 99%*, a de Vianinha é bem mais rigorosa. Mas são ambas coesas: começam e acabam, num tributo à estética piscatoriana, de forma mais épica, utilizando *slides* e canções revolucionárias, mas incluem, internamente, instantes de profunda emoção — os personagens não são desenhos esquemáticos, mas sim trabalhos com extrema precisão. Ambas tratam questões de comportamento, responsabilidade de ações e opções individuais, políticas. *Em Brasil — Versão Brasileira*, a temática permanece polêmica e viva em nossos dias: divergências de natureza política entre pais e filhos, disputa e unidade entre militantes do PCB e do movimento católico no seio da luta operária. Um dos temas é bastante delicado: a oscilação da chamada "burguesia nacional", então em contradição com os desígnios do imperialismo norte-americano e possível aliada circunstancial do movimento revolucionário, numa primeira etapa da Revolução, segundo a posição que o PCB sustentou pelo menos até seu 6º Congresso, em 1967. *A Vez da Recusa* surpreende mais porque questiona diretamente o conteúdo do movimento estudantil, na medida em que desmascara agressivamente a ingenuidade ou o infantilismo ou a imaturidade ou a irresponsabilidade de um grupo de dirigentes isolados da massa que usa a mentira como arma de luta, provocando erros irreparáveis. *Brasil — Versão Brasileira* traz a marca inconfundível da melhor dramaturgia de Vianinha, militante comunista empenhado em trazer para o palco os conflitos ideológicos de seu tempo com inteligência e emoção; A Vez da Recusa inscreve-se entre os textos brasileiros mais estimulantes e provocativos, captando com coragem e postura crítica, através de uma firme estrutura teatral, um instante particularmente conturbado da vida nacional.

É oportuno encerrar esta breve e superficial ou apenas informativa aproximação ao CPC com justas e sensatas palavras de um de seus líderes e fundadores, Carlos Estêvam Martins, publicadas na revista *Movimento* da UNE em dezembro de 81 (portanto, 20 anos depois do princípio), numa entrevista intitulada *Repensando o CPC*: "Enfim, quero dizer, para simplificar, que não tem nenhum cabimento tentar repetir hoje o que foi a experiência do CPC da

UNE. Como as condições históricas são completamente diferentes, as tarefas e prioridades também têm que ser diferentes. O que precisa ser dito, porém, é que a geração atual não encontrará um modo adequado de equacionar essas questões se partir de uma visão deturpada daquilo que foi a experiência do passado. É preciso recuperar essa experiência tal qual ela foi, com espírito crítico de um lado mas com isenção de ânimos por outro, tentando fazer uma análise objetiva. As críticas levianas e demagógicas que têm sido feitas não vão ajudar em nada o equacionamento atual do problema da cultura popular''.

NÃO TEM IMPERIALISMO NO BRASIL

Augusto Boal

NÃO TEM IMPERIALISMO NO BRASIL

Augusto Boal

PERSONAGENS

Homem 1
Homem 2
Ele

(Dois sujeitos estão discutindo. Entra "ele".)

HOMEM 1 — Não tem.
HOMEM 2 — Tem.
HOMEM 1 — Não tem.
HOMEM 2 — Tem.
ELE — Adivinhar quem ser eu?
HOMEM 1 — No Brasil não tem imperialismo coisa nenhuma!
HOMEM 2 — Tem imperialismo, sim senhor.
HOMEM 1 — Tem nada. Isso é coisa de comunista pra fazer baderna.
ELE — Muito bom. Coiso de comunisto vermelhuda...
HOMEM 2 — De comunista nada. Se comunista quisesse baderna, fazia comício contra a desonestidade que ia todo o mundo.
HOMEM 1 — É coisa de comunista, sim. Aqui não tem imperialismo coisa nenhuma.
ELE — Apoiada. Apoiada.
HOMEM 2 — Vai te fiando nisso, vai. Termina de cueca na mão, rindo sorriso Kolynos, que é americano.
HOMEM 1 — Ah, vai andar, vai.
ELE — Vai andar, comunisto. (*Homem 2 sai.*)
HOMEM 1 — (*Tira um cigarro.*) Que coisa. Falando de imperialismo. Dia inteiro falando de imperalismo. Que chatice!
ELE — Estar um absurda. Absurda filho da mãe. Paga.
HOMEM 1 — Paga o quê?
ELE — O cigarrinha.
HOMEM 1 — Ah, o senhor é o seu Souza Cruz?
ELE — Souza Cruz um banana. Seu Souza Cruz agora ser do British American Tobacco Company. Paga os dividendos.
HOMEM 1 — Tá certo. Tá certo. Se é americano, tem que pagar mesmo, porque vocês ajudam a gente às pampas. Sem americano, tudo aqui ainda era índio. Bem, agora, se me permite, está na hora do almoço, até logo. (*Anda. O cara atrás dele, grudado nos calcanhares. Homem 1 vê o cara.*) O senhor veio também?
ELE — Eu fui muito com seus fuças. Amigon. Amigon.
HOMEM 1 — (*Alto.*) Um cachorro-quente e uma coca-cola. (*A Ele.*) É. Almocinho minguado. A grana anda curta...
ELE — Oh, non. Está certinha. Muito alimentícia. Paga.
HOMEM 1 — Paga o quê?
ELE — Salsicha do Swift, Coca-Cola do Coca-Cola mesmo, o farinha do pão do Moinho Inglês e o fermento do Bhering.
HOMEM 1 — (*Alto.*) Um café. (*Ele estende a mão.*). Não. Agora não, meu bom amigo. Café é feito aqui. Na sua terra não dá café.
ELE — Feito aqui mas controlada pela American Coffee Company. Marcha de leve.
HOMEM 1 — Veja só. Por isso que o café brasileiro é tão bom... (*Noutro tom.*) Bem, agora vou pro escritório. É aqui ao lado. Vou a pé mesmo.
ELE — Então paga.
HOMEM 1 — Eu disse que vou a pé.
ELE — O sola do seu sapato é do Goodyear.
HOMEM 1 — Tem razão. (*Canta.*) Goodyear. Goodyear. (*Pausa.*) Mais uma vez até logo, muito prazer. O senhor não vem, não é?
ELE — Vou sim, amigon. Eu estar em todas. Nas que eu não estar, logo logo vai ficar. (*Homem 1 faz mímica de bater à máquina.*) Paga, amigon. Fita do máquina do Underwood, máquina do Remington, almofada de espuma do borracha do Firestone onde o amigon vai pôr o bundinha para escrever.
HOMEM 1 — Puxa. Vocês pensam no nosso conforto, hein? Não sei o que seria do Brasil sem vocês na supervisão. Está encerrado o expediente. Vou embora. (*Saem. Chegam à rua.*) Puxa,

já é noite. Trânsito louco. (*Fica parado olhando. Pausa longa.*)

ELE — Paga.

HOMEM 1 — Paga o quê? Estou no meio da rua, paradinho da silva. Paga o quê?

ELE — O senhor não está vendo o meu cara simpático, amigon?

HOMEM 1 — Claro que estou vendo.

ELE — Mas está vendo como, se é de noite, amigon?

HOMEM 1 — Porque está tudo iluminado, ora. A luz da rua está acesa.

ELE — De onde se conclui que o amigon vai dar mais uma pagadinha pro Light velho do guerra.

HOMEM 1 — Ah, é. A Light. A Light é da família. (*Paga.*) Vou ao cinema. Será que tem filme bom? Jornaleiro, me dá o *Globo*.

ELE — Paga.

HOMEM 1 — Ei. O *Globo* é brasileiro.

ELE — Brincalhon.

HOMEM 1 — (*Olhando o jornal.*) Vou assistir um bang-bang. (*Paga. Entra no cinema. Assiste.*) Aí, mocinho. Aí, mocinho.

ELE — Paga.

HOMEM 1 — Já paguei.

ELE — Pagou o filme. Mas, agora, o que é que está fazendo?

HOMEM 1 — Nada! Bem, olhando.

ELE — Respirando o ar refrigerado pela Westinghouse.

HOMEM 1 — Ah, é... Eu estava respirando... Vou pra casa. (*Anda.*) Até que enfim em casa. Vamos ver se tem notícia de Cuba... (*Liga o rádio.*)

ELE — Oitenta e três fuzilamentos, comeram nove padres, escondem os recém-nascidos das mães, enquanto Fidel Castro dá gargalhadas e baba no colo de Che Guevara, que dorme com freiras. Notícias da United Press. (*Paga.*)

HOMEM 1 — (*Pagando e bocejando.*) Cuba vai mal. Vou dormir. Boa noite. Muito prazer. (*Dorme.*)

ELE — Boa noite, amigon. (*Pausa.*) Amigon, amigon...

HOMEM 1 — Que é? Que é?

ELE — Estar sonhando com Marylin Monroe. Paga.

HOMEM 1 — (*Paga.*) Escuta, se eu pagar um pouco mais, não dá...

ELE — Non dá, non senhor...

HOMEM 1 — Boa noite. (*Dorme. Faz barulho com a boca.*) Trim...

ELE — Bom dia, amigon.

HOMEM 1 — Bom dia.

ELE — Paga. Despertador Westclock. (*Homem 1 paga. Vai se levantando, se lavando etc.*) Pasta de dentes Philips, escova do Tek, sabonete do Lever S.R., gilete do Blue Blade, Acqua Velva, água quente com o gás do City, talco do Johnson & Johnson. (*Paga tudo. O homem vai saindo.*) Esqueci de dizer que o seu calça é de linho irlandês, amigon. (*O homem tira a calça. Entra o Homem 2.*)

HOMEM 2 — Não disse! Ficou nu... Ficou nu... Tem imperialismo no Brasil.

HOMEM 1 — Não tem.

HOMEM 2 — Está nu aí, cara!

HOMEM 1 — É preciso pagar um pouco, meu velho. Quer ficar civilizado de graça? Precisa pagar um pouquinho. Traz luz, água quente, striptease, óculos escuros...

HOMEM 2 — Tem imperialismo no Brasil.

HOMEM 1 — Não tem.

ELE — (*Saindo.*) Non tem, no Brasil non tem...

HOMEM 2 — Tem.

HOMEM 1 — Não tem.

HOMEM 2 — Tem.

HOMEM 1 — Não tem... (*Vão saindo.*)

O PETRÓLEO FICOU NOSSO

Armando Costa

O PETRÓLEO FICOU NOSSO

Armando Costa

PERSONAGENS

Velhinho
Seis Populares
Quatro Policiais
Mulher
Quatro Nacionalistas

Dois elementos do coro colocam no fundo um muro branco em compensado; entra o Velhinho com o jornal aberto escondendo o resto de lata de tinta no braço. O jornal tem um buraco.

O Velhinho observa os arredores através do buraco. Procura lugar para esconder a lata, atrapalha-se com dois objetos. Acaba escondendo a lata atrás do muro. Disfarça.

Entram dois policiais, depois mais dois, cercando a praça.

POLICIAL 1 — E... agora vâmo vê... (*Lentamente entram dois populares. Aparece agora um Nacionalista carregando estranho embrulho triangular. Mais outro e a Mulher com embrulhinho. Param indecisos. Ninguém no centro.*)

NACIONALISTA 1 — Pensei que vinha mais gente.

NACIONALISTA 2 — Já tem um bocado e vai chegá mais, você vai vê... E ó. (*Mostra a mulher que entrou e ficou em primeiro plano.*) A Zelinda já tá aí... firme...

NACIONALISTA 1 — E o marido dela, como é?

NACIONALISTA 2 — Não sei... Acho que não sai tão cedo, não. Empastelaram o jornal. Cana de jornal é... (*Faz beiço.*)

NACIONALISTA 1 — Mulher bonita.

NACIONALISTA 2 — Mulher de raça. Quando precisa, deixa o filho com a comadre e vem pra rua. Se tivesse mais gente como esses dois, não precisava fazer tudo isso. O petróleo não saía daqui... (*Pausa.*) Chegando mais gente, ó í...

NACIONALISTA 1 — É. Mas já tá enchendo de tira também...

NACIONALISTA 2 — Que que você queria? Com a onda que a gente fez a semana toda, eles iam ficar jogando porrinha na delegacia?

NACIONALISTA 1 — Aí é que está. Eu acho que era melhor não ter feito onda nenhuma antes. Fazia tudo na moita; vinha de noite, fazia o serviço e amanhã de manhã o negócio aparecia aí no

meio da praça e pronto.

NACIONALISTA 2 — Ué, velho? E o comício? É mais importante do que botá a torre. Botá a torre é simbólico. Agora, o comício é que vai fazê o povo pensá. Esclarecê a massa, meu irmão.

NACIONALISTA 1 — Num sei... Tô achando que não vai sê mole.

NACIONALISTA 2 — Ô, rapaz. Você pensa que isso é o quê? Exército da Salvação? Tem que arriscá o cangote mesmo.

NACIONALISTA 1 — Mas podia ser mais bem bolado. Assim é perigoso, a massa pode medrá com a repressão da polícia.

NACIONALISTA 2 — Tem que fazê o comício. Olha aí. Tá chegando mais gente. (*Entram mais três populares. Mais um. Durante o diálogo e nesse momento.*)

NACIONALISTA 1 — Cadê o Saturnino? Por que ele não chega?

NACIONALISTA 2 — Calma. Tá chegando já.

NACIONALISTA 1 — E se a polícia baixar o pau?

NACIONALISTA 2 — A gente enfrenta, ué. Quanto mais onda, melhor.

NACIONALISTA 1 — Ôpa, olha o Saturnino.

NACIONALISTA 2 — Não falei? (*Entra Saturnino com triangulão e mais outro nacionalista.*) O Pé de Bosta também. Legal o Pé de Bosta. (*Riem.*)

NACIONALISTA 1 — (*Mais animado*) Vâmo botá pra jambrar.

SATURNINO — O negócio é saber quantos tiras tem pelas redondezas...

PÉ DE BOSTA — Tem muitos, não. Já manjei. Deve ter mais escondido. (*Dois policiais fazem sinal de "sair para reconhecimento". Saem. O Velhinho vai para trás do muro. Bota a cabeça do outro lado e grita com vozinha.*)

VELHINHO — Vamo lá, minha gente. Tem medo, não! (*Reaparece do outro lado do muro disfarçando. Policiais mexem-se inquietos. Pé de Bosta vai ao centro e coloca o triângulo perpendicularmente ao chão; decidido, Nacionalista 1 vai ao centro. Também Saturnino e Nacio-*

nalista 2 vão agora. Desembrulham, começam a armar a torre. Velhinho por trás do muro.) Viva a Petrobrás! (*Continuam a armação febrilmente. Voltam os dois policiais. Os quatro aproximam-se da torre. A massa em volta agita-se.*)

POLICIAL 1 — Que os palhaços tão fazendo aí? (*Hesitação. Nacionalista 1 continua. Os outros continuam, então.*) Hein? Que palhaçada é essa aí? Negócio de armar brinquedinho no meio da rua? Não sabem que não podem? (*Rodeiam a torre.*)

POLICIAL 2 — (*Cínico*) É... Pra armar gangorra no meio da praça tem que pedir licença na Prefeitura...

POLICIAL 3 — (*No mesmo tom.*) Não. Não é gangorra, não. É um pocinho de petróleo pros meninos brincá.

POLICIAL 4 — Que nada... Isso é onda de comunista puto.

POLICIAL 2 — Ah, é! Que onda! (*Empurra um nacionalista.*) Vocês são comunistas putos, é? (*Perdendo a esportiva*) Que vocês querem? Petrobrás e não sei que mais o quê é? Governo não tem dinheiro pra botar latrina pra camponês... Como é que vai pagá máquina pra tirar petróleo?

POLICIAL 3 — Cês tão sozinhos nessa jogada. O povo mesmo tá em casa sossegado, cês vêm pra rua perturbar o descanso deles. Mijá no dinheiro que eles pagam pra manter a polícia pra manter a ordem.

POLICIAL 4 — Vê que eu sou um cara razoável. Fico argumentando com vocês na... na base do intelecto. (*Dá um cascudo violento na cabeça de Saturnino.*) Comunista porco! (*começa a agressão. Cassetetes.*) Sai, cachorrada. Fazer arruaça na casa da tua mãe. (*Populares recuam. A torre está armada. Nacionalistas se defendem e se afastam da torre. A massa começa a fugir. Mulher carrega a torre.*)

MULHER — Firme, companheiros! (*Sobe no primeiro suporte.*) Nós vamos agüentar firmes. Para

isso nós estamos aqui. (*Batendo na torre.*) Por isso é que nós estamos lutando. (*Pau comendo. A massa fugindo.*) O nosso petróleo, o petróleo do Brasil. Ele está no fundo da terra. E nós é que temos de tirar. Se não, nós é que vamos pro fundo da terra. (*Bate na torre.*) Essa já está de pé mas tem torre maior pra fincar. Torre de verdade só fica de pé no Brasil se a gente se levantar também! Povo que não produz petróleo não tem perna para andar! Fica sem rumo, andando emprestado, pagando miséria. (*Reação da massa contra os policiais.*) Firme, companheiros. Firme. Nenhuma pancada de polícia segura povo que quer chegar. E nós vamos chegar lá a seco. Firme! (*Reação cresce. A massa que fugiu volta lutando. O Velhinho fugiu para trás do muro.*) Tem brasileiro morrendo, comendo lama lá no norte; enquanto isso o petróleo está lá embaixo, tão morto como brasileiro que morreu sem dar risada. De pé, companheiros! (*Velhinho reaparece do outro lado do muro.*) Riqueza a gente só puxa, puxando a gente primeiro. Não tem dinheiro para tirar petróleo do fundo da terra? E os oitenta bilhões para pagar café estocado apodrecendo? (*Policial tenta puxá-la pelas pernas.*) Dos quarenta bilhões de orçamento de guerra? Guerra no Brasil é contra a miséria! (*Dois populares atacam o guarda e subjugam-no.*) Cada um de nós, companheiros, já mandou metade da vida para fora do país! E pagamos gasolina cada vez mais caro. E mandamos mais vida! E o petróleo dormindo debaixo dos pés da gente. (*Massa vencendo. Policiais fogem. Um no chão estendido, outro em inferioridade.*) Com os dólares que o Brasil manda de volta por ano o povo podia tirar tanto petróleo que cada um de nós ia valer o dobro! (*Mulher coloca bandeira na parte lateral da torre. Sirene de choque de*

policiais chegando. Gritaria. Ruído de bombas de gás. Lenços no nariz.) De frente, companheiros! Essa polícia se pudesse estava do nosso lado; mas não pode, é comprada! Mão na cara! Mão na cara! (*Ouve-se tiro. Mulher atingida.*) Atira! Atira! (*Sente o ferimento. Cala-se. Depois fala mais baixo.*) Pára! Pára!... Me socorre... Eu... Eu estou ferida... Eles me acertaram... pára com isso... Pára com isso... E... Não! Não!... Agüenta... Agüenta até o fim... me salva... Me salva... Me salva... (*Escorrega pela torre abraçada a ela; os policiais do choque invadem. O povo debanda reagindo pouco. Vozes sumindo. Vozes sumindo. Silêncio; só policiais em cena e a Mulher. O Velhinho atrás do muro. Dois deles pegam a Mulher e carregam-na. Outros três derrubam a torre e levam-na também. Velhinho aparece detrás do muro: Pega a lata de tinta e escreve no muro*: "O PETRÓLEO É NOSSO".)

PETRÓLEO E GUERRA NA ARGÉLIA

Carlos Estêvam Martins

PETRÓLEO E GUERRA NA ARGÉLIA

Carlos Estêvam Martins

PERSONAGENS

Major
Sentinela
General
Oficial
Capitão
Argelino

Acende-se um spot no canto direito do palco; vê-se um sentinela dando guarda. Ouve-se um carro chegando. Pausa. Entra um major, sem um braço, apressado, bate continência, pergunta:

MAJOR — Onde está o general?

SENTINELA — Na sala de tortura.

Apaga-se o spot. Todo o palco às escuras. Passado um tempo, acendem-se as luzes do centro do palco: a sala de torturas. Um argelino sentado numa cadeira, um oficial em pé e o general sentado numa mesa, a certa distância. Quando acendem as luzes, o major pára diante do general.

GENERAL — (*Vendo o Major.*) Não adianta, Garcin. Você vai perder o seu tempo.

MAJOR — Quer dizer que é verdade?

GENERAL — É.

MAJOR — Eu não compreendo como isso pode acontecer. Exatamente no momento em que mais precisamos, o senhor resolve nos abandonar. Não entendo.

GENERAL — Não estou abandonando ninguém.

MAJOR — Apenas todo o tempo que servi sob suas ordens, nunca, nunca o senhor deixou falar dessa idéia de que nós devíamos acabar com a guerra. E agora nós temos a oportunidade. Vamos intensificar a luta; é mais essa arrancada e depois a vitória no fim de tudo isso. E agora o senhor muda de idéia.

GENERAL — Não mudei nada. (*Pausa*) Não acho que devemos intensificar a luta: só isso. Não aceito o seu ponto de vista.

MAJOR — Não é o meu pensamento que o senhor está aceitando: é o do Governo, o do Estado-Maior francês. Não falo em meu nome: depois

que eles decidiram não podemos ter mais ponto de vista algum.

GENERAL — Eu tenho. Chegou a hora de parar: parar de uma vez! Nós já matamos quinhentos mil argelinos. Há oitenta mil cadáveres de soldados franceses mortos aqui. Três anos de guerra, major. E a Argélia já nos custou oitenta mil homens mortos sem saber por quê. Você me diz que não tem ponto de vista; eles também não têm, não têm mais, já estão mortos. Eu tenho.

MAJOR — O senhor sempre disse que precisávamos acabar o quanto antes esta guerra.

GENERAL — E continuo dizendo. O que eu descobri é que o modo de acabar não é esse que vocês querem: não é intensificar essa luta, porque essa luta não tem fim. É a paz que nós temos que fazer: qualquer paz é preferível a essa guerra.

MAJOR — O senhor, logo o senhor, dizendo isso. O senhor querendo que o Exército francês abandone a luta?

GENERAL — É preciso parar, Garcin. Já chega. Precisamos acabar com esse inferno. A França não tem mais nem homens nem dinheiro para manter essa guerra.

MAJOR — Mas a situação mudou muito. A ajuda dos Estados Unidos foi colossal. Eles vão nos mandar armas e munição como nós nunca tivemos. Nossa posição vai ficar extremamente fortalecida. Vamos ter pólvora para transformar a Argélia numa fogueira.

GENERAL — E você pensa que vai resolver essa ajuda dos americanos? Pra cada cinco argelinos que matamos nós perdemos um francês. Agora vamos duplicar: um francês para cada dez argelinos. E daí? Eu pergunto: e daí?

MAJOR — Vamos economizar um grande número de vidas.

GENERAL — Você é louco? Eles são nove milhões.

Nove milhões de miseráveis esfomeados: eles saem da terra como ratos, você mata, mata, mata e eles continuam lá, aumentam cada vez mais. Não têm para onde ir, não têm casa, nem comida, nem coisa nenhuma. A única coisa que eles têm é essa guerra: não vão se entregar nunca.

MAJOR — A França precisa do nosso sacrifício.

GENERAL — Aqui na Argélia, a França somos nós, Garcin: e nós não somos mais nada. Já não vivemos, estamos mortos: é a guerra que vive em nós. Se andamos é a guerra, se falamos é a guerra. Se dormimos, sonhamos com bombas e acordamos já dentro da guerra, outra vez a guerra.

MAJOR — Não é em vão. A cada momento estamos salvando a pátria do abismo. E a França lhe é grata por isso. Ela lhe concede a maior de todas as recompensas: o senhor é o herói de todos os franceses.

GENERAL — (*Ri alto. Fica sério.*) Herói de todos os franceses. Por que você não diz: assassino de todos os argelinos.

O argelino que estava sem sentidos volta a si. O oficial que estava próximo ao argelino aproxima-se do general e diz:

OFICIAL — Ele acordou, general. Devo continuar?

GENERAL — (*Olha para Garcin. Pausa. Com cinismo.*) Deve, Garcin? Ahn? Qual é o seu ponto de vista, Garcin?

Garcin não responde. Abaixa a cabeça, procura ajeitar a farda com uma das mãos etc.

GENERAL — Por que você não diz? É fácil, Garcin. Eu devo cumprir o meu dever: não me pedem mais nada, só o meu dever. (*Gritando e apontando para o lugar onde está o argelino.*)

E o meu dever é isso, continua, capitão. (*O capitão chega perto do argelino, dá tapinhas em seu rosto e fala com voz cínica.*)

CAPITÃO — Como é? Vâmo lá? Vâmo lá?

MAJOR — General, eu viajei duzentos quilômetros para lhe fazer esse apelo. É em nome das lutas que tivemos juntos que eu lhe peço: não abandone o seu posto. Acredito, general: em todo o Exército francês não há ninguém melhor que o senhor (*Não se ouve essa frase. O argelino dá um berro e cobre a fala do major: o capitão havia lhe enfiado um punhal sob a unha.*)

GENERAL — (*Depois do berro, faz um sinal com a cabeça dizendo que não ouviu o que o outro disse. Garcin repete.*)

MAJOR — Eu disse que em todo o Exército francês não há ninguém melhor que o senhor. (*Pausa. Abaixa a cabeça.*) É a minha opinião. Aqui no *front* o senhor é insubstituível.

GENERAL — No *front*? Que *front*? Tudo o que vejo aqui é imundície, aqui só há imundície, Garcin. Qualquer chacal pode vestir essa farda melhor que eu.

MAJOR — Não diga isso, general. O senhor está confundindo, confundindo a grandeza da causa com a sordidez desses detalhes.

CAPITÃO — (*Para o argelino.*) Anda cachorro. Vâmo logo (*Vai alteando a voz aos poucos.*) Fala! Fala, cachorro. Confessa, cachorro.

MAJOR — O senhor mudou muito.

GENERAL — Você também mudou muito, Garcin. Antes, você tinha dois braços.

MAJOR — Não me arrependo. Fiz tudo que tinha de fazer. Posso falar o que o senhor não pode: o senhor tem os dois... e quer parar.

GENERAL — E o que valeu? Você sabe pra quê? Não estamos no mesmo pé, não. Estamos? Três anos, que que valeu?

MAJOR — Nós estamos salvando a civilização francesa: nossas tradições. (*O argelino volta a berrar.*)

Nossos ideais (*Olha para o argelino, que berrou cobrindo o som de sua voz. Volta a falar gritando para ser ouvido.*) Nossos ideais, nossas universidades, nossos costumes, nossa cultura. (*O argelino pára.*)

GENERAL — Vamos lutar por todas essas coisas lá, lá na França. Não é aqui nossa guerra, imbecil. Esse sangue nas nossas mãos é o nosso precipício: temos que parar agora, Garcin, se não, cada dia, cada minuto, vamos querer mais sangue, vamos precisar de mais sangue, e isso não tem fim.

MAJOR — É claro que é aqui. Onde mais podia ser senão aqui? (*Pausa*) Em cima desta terra, em cima deste deserto da Argélia, estamos nós, general, que não valemos mais nada. Embaixo dos nossos pés, enterrados nessa areia estão os cadáveres dos nossos soldados, e isso também não vale nada. O que interessa está mais embaixo ainda: é o oceano de petróleo lá nas entranhas da terra. (*Pausa*) E o senhor sabe o que acontece: vêm aí as armas americanas e nós vamos ter que lutar mil vezes mais porque elas não vêm de graça. A Standard já cobrou o seu preço: recebeu em troca VINTE POR CENTO DESSE PETRÓLEO. (*O argelino estoura numa gargalhada.*)

MAJOR — A terra foi dividida em lotes: eles ficaram com vinte por cento. (*O argelino volta a gargalhar. O general avança em sua direção e grita.*)

GENERAL — Cala a boca!

ARGELINO — Não calo. (*Pausa*) Vocês vão morrer à toa. Apanharam vinte por cento: vocês estão lutando pros americanos.

GENERAL — Cala a boca.

ARGELINO — Vocês é que morrem e eles é que pegam o petróleo. (*O general grunhe e bate na boca do argelino.*)

ARGELINO — (*Ri alto e fala.*) Eles vão te dar um braço

de ouro. (*O general pára de bater. Pausa.*) Quantos americanos morreram aqui?

GENERAL — Confessa, cachorro! (*O general volta a bater no argelino gritando várias vezes:) Confessa, cachorro. (O General começa a matar o Argelino com socos; caem os dois no chão, o Argelino amarrado à cadeira, e o General continua socando até o Argelino morrer. E, enquanto isso se passa, o Major grita para o General.*)

MAJOR — Temos que ganhar a guerra. Se eles mandarem mais armas vão querer cinqüenta por cento. Nós temos que ganhar. E depois mais armas: vão querer oitenta por cento. Eles vão roubar todo o petróleo.

Quando o major acaba, o argelino, já morto, e o general estão estirados no chão. Pausa longa. Devagar, o general se levanta. Em pé, pára e olha para Garcin. Faz um sinal ao capitão para que levem o corpo. O general dirige-se para a mesa; fica de costas para Garcin e fala de cabeça baixa.

GENERAL — Pode voltar, Garcin: eu vou continuar (*O capitão põe o argelino morto nos ombros e começa a sair. Apagam-se as luzes. Pausa. Acende-se o* spot *no canto do palco, iluminando o sentinela. O capitão vem ofegando, carregando o argelino, chega junto do sentinela.*)

SENTINELA — Morreu? (*O capitão faz que sim com a cabeça. Fala espaçadamente.*)

SENTINELA — Confessou?

CAPITÃO — Confessou quem?

SENTINELA — (*Com gesto de cabeça.*) Esse aí.

CAPITÃO — (*Saindo*) Esse, não.

(*Black-out*)

CLARA DO PARAGUAI

Armando Costa

CLARA DO PARAGUAI

Armando Costa

PERSONAGENS

Delegado
Zizico
Odette
Aguirre (Lenço)
Moça
Hernandes
Guarda
Agente
Prefeito

Abre luz. Em cena, Delegado, cafetão empinadinho e prostituta melancólica, que choraminga às vezes. Cenário: mesa, cadeiras, placa "Delegado do Missão do Cantagalo".

DELEGADO — Zizico... Zizico Rodrigues... Gente da tua laia eu tenho encontrado tanto nessa vida que eu já nem sinto mais nojo...

ZIZICO — Não admito que fale assim; eu sou um Rodrigues Bastos.

DELEGADO — (*Botando a mão no ombro de Zizico.*) É melhor não falar nada. Você calado eu finjo que não estou vendo você.

ZIZICO — Olha, Romão. Eu é que vou te dar um conselho: não te meta a valente comigo que depois você pode se arrepender.

DELEGADO — Ah., é? Fala proxenetinha: como é que vou me arrepender?

ZIZICO — Meu pai vai saber de tudo isso.

DELEGADO — Vai saber, não, ele sabe. Tá cansado de saber. Sou eu que tomo conta da cidade pra ele pode passar de charrete e todo mundo dizer "bom dia, seu prefeito", e você foi preso no boteco do Rocinha batendo nessa mulher aí...

ZIZICO — Ela me ofendeu.

DELEGADO — Por quê? A féria de hoje foi curta?

ZIZICO — Você vai acusando um homem assim, à toa, sem provas!

DELEGADO — Odette, há quanto tempo você sustenta esse moço aí?

ODETTE — Ah, seu Romão, eu não tenho nada com isso, não.

DELEGADO — Ele não te bateu hoje no bar do Rocinha?

ODETTE — Foi um assunto nosso, seu Romão. Não foi nada, não.

DELEGADO — Assunto de lenocínio. Vamos ver: você já deu dinheiro a ele?

ODETTE — Bem, às vezes...

DELEGADO — Às vezes todo dia, né? Você e todas aquelas infelizes. São mais de vinte só aqui em Missão do Cantagalo. Mas cafetão nessa cidade não tem vez.

ZIZICO — Romão, olha como fala!

DELEGADO — Se falar mais um "hu", vai sair daqui de quatro. Olha, Zizico, acabou a conversa: às oito chega o trem das cinco horas. Quero que você embarque nele e desapareça de Missão do Cantagalo. Se der as caras por aqui outra vez, mando as mulheres da zona te botar saia e te expulsar a tapa. E agora tira a cara do caminho... Vai, desaparece!

(*Zizico sai.*)

DELEGADO — Me dá engulho tratar um homem assim, mas esse cabra não é homem, é berne de boi.

ODETTE — Todo homem é igual...

BÊBADO — (*Fora de cena*) Vida besta... Cadeia, pileque, pileque, cadeia... Ô, ô, ôô... Quero comer melão!...

DELEGADO — Cala a boca aí, é pé na cana! Odette, você é uma boa menina, Odette. Agora, você se enreda com um porcaria desses e... arranja complicação pra você e pra todo mundo.

ODETTE — É, a gente tem que se enredar com alguém, né?

DELEGADO — Vai... Vai embora e vê se cria juízo.

ODETTE — O senhor é muito bom, doutor Romão. Eu não sei como é que... (*Chora*)

DELEGADO — Ih... Mulher de choro fácil. Que é isso, hein? Calma. Não é o fim do mundo. Não suporto mulher de berrador aberto. (*Vai saindo com ela.*) Vombora...

BÊBADO — (*De dentro.*) Bóia braba... Parece comida de porco. (*Imita porco*) Porcão... (*imita porcão*) Porcão... Ô, ô, ô... Quero melão com açúcar.

(*Entra guarda com três refugiados, em silên-*

cio. Guarda indica banco. O de lenço vermelho e mulher sentam juntos. Hernando, afastado. Os dois estão solidários entre si. Hernando resmunga agitado e contrariado.)

HERNANDO — Agora polícia estrangeira... Não bastou sair fugido de minha casa. Debaixo do fogo da milícia... Agora polícia de estrangeiro...

GUARDA — Vamos calar o bico. Esperar seu delegado.

BÊBADO — Ô, ôôôôôôôô... Quero passear no sol. (*Bate a caneca nas grades*) Seu Romão... quero passear no sol...

GUARDA — Esse desgraçado... (*Saindo*) Cala a boca, ô bestalhão...

(*Diálogo confuso fora de cena acalmando o bêbado. Entra o delegado, olha os três. Entra o guarda.*)

DELEGADO — Que é que há, seu Xiru?

GUARDA — Peguei os três atravessando a fronteira perto do Pasto Grande. Contrabando.

DELEGADO — Que contrabando, Xiru? Já viu contrabandista de mão abanando? Pode deixar, tá entregue, Xiru...

BÊBADO — (*De dentro.*) Quero melão... quero uma mulher, uma chinoca... Tô cheio de comida de porco. Mulher pra mim, seu Romão. Senhor doutor Romão que tá cheio de mulheres, ô, ô, ô... Melão, melecão, melecão.

DELEGADO — (*Levanta. Vai à porta. Bate na parede.*) Olha que eu vou aí, Pé-de-Cana! Pode-se dizer que mora... É o pau d'água da cidade. Vive em cana. Pode-se dizer que mora nessa cela. É um cabra gozado... (*Senta. Tom*) Fugiram do ditadorzinho aí do lado?

LENÇO — (*Formal*) Queremos pedir asilo político ao governo brasileiro.

DELEGADO — Descontente com o regime de lá? É... Seu país está numa situação bem esquisita. Volta e meia aparece refugiado político de lá...

LENÇO — Queríamos entrar em contato com as autoridades brasileiras...

DELEGADO — (*Filosófico, "simpatizante"*) Revolucionários...

LENÇO — Nós procuramos as autoridades brasileiras de livre e espontânea vontade...

DELEGADO — (*Cortando. Simpatizante, complacente.*) Tá certo, moço, tá certo... Tá tudo perfeito. Os senhores serão encaminhados normalmente. Documentos... (*Os três apresentam documentos. Delegado lendo.*) Alfonso Yepes, profissão: músico. Muito bem. Músico é poeta... Clara Yepes... Professora... São irmãos?

HERNANDO — Mas o que é que...

DELEGADO — Que é que há?

HERNANDO — Não. Nada. Desculpe.

DELEGADO — Sei. (*Olha o documento.*) Hernando... é você? (*Hernando assente, medroso.*) Está bem. Então amanhã de manhã vocês podem ir na viatura do Correio. Em Curitiba, a Imigração resolve o caso de vocês... Podem passar a noite aqui: cela é o que não falta. (*Delegado põe o chapéu e sai.*)

GUARDA — Vocês se ajeitam por aí. Não quero barulho (*Sai.*)

HERNANDO — Clara... Primeiro lugar: que história é essas de dar os documentos do Alfonso para esse sujeito?

CLARA — Alfonso não precisa mais de documento.

HERNANDO — Alfonso era seu irmão, Clara. Seu irmão. E você usa os documentos dele como um bandalho qualquer, um desconhecido?

CLARA — Pra mim, ele não é desconhecido. Tenho um filho dele, aqui, dentro de mim. Pra mim, ele é tão importante quanto meu irmão.

HERNANDO — Você está louca! É um desordeiro... Capanga desse Aguirre! (*Exaltando-se.*) Em todo lugar que esses malditos chegam há sempre desordem, crime! É uma cachorrada! E não adianta:

você me enganou, Clara.

CLARA — Era preciso. Era uma situação de desespero.

HERNANDO — Que fossem para o diabo! Que se arranjassem com suas manobras porcas! É assim que vocês agem: enganando, mentindo.

CLARA — A gente precisava se esconder em algum lugar. Três dias fugindo com a polícia nos calcanhares.

HERNANDO — E foram parar na minha casa!

CLARA — Porque é perto da fronteira! Era a única chance, Hernando. Você sempre soube das minhas idéias. Alfonso morreu pelas mesmas idéias.

HERNANDO — E você está procurando a mesma coisa. No meio dessa cachorrada. Você, esse seu amante e esse covardão Aguirre, que provoca a subversão da ordem, agita o povo.

CLARA — Ele não é covarde. É um líder.

HERNANDO — Pois que vá liderar os vagabundos. Não mande seus capangas invadir casa de gente honesta, trabalhadora.

CLARA — Trabalhador é camponês, é operário, Hernando. Estão morrendo de fome, e você é um parasita.

HERNANDO — Você não pode falar assim. Você perdeu até o sentimento de família.

CLARA — Você é um parasita, um inútil.

HERNANDO — É você que vem me dizer isso? Você, que mete vagabundo na minha casa. Você, que dorme com vagabundo na rua, sua prostituta! (*Avança para agredi-la. O de lenço vermelho intercede e agride Hernando.*)

CLARA — Não, Aguirre. Aguirre! (*Ele abraça Clara. Hernando anda, sob forte tensão. Pára.*)

HERNANDO — Você é Aguirre?

LENÇO — Calma, Hernando. Eu sei. Você estava calmamente em sua casa, sossegado, não tinha nada com isso. De repente, se vê obrigado a fugir da polícia e atravessar fronteira de

outro país. Ficou todo cheio de problemas. Eu sei (*Vai ao cartaz "Delegacia"*) Isso é Paraguai. Há uma estrada que corta o nosso país de norte a sul. Uma estrada enorme. *Eu* passei dois anos construindo essa estrada. *Eu* e mais trinta mil presos políticos. Trinta mil. Você há de dizer: ótimo. Preso político, agente de subversão... pelo menos faz alguma coisa de aproveitável: constrói uma estrada. Então escute: essa estrada só atravessa regiões desertas, não liga cidades, não serve para escoar produção agrícola nem industrial. Não serve para nada.

HERNANDO — Mas isso é uma loucura! Você está deturpando.

LENÇO — (*Cortando*) Exatamente, uma loucura. A estrada só tem uma função: estratégica. Militar. Atravessa o país, passa pelo forte Marechal Estigarribía e aqui só existe um contingente militar americano. Aqui está sendo construída a maior base aérea da América do Sul. A pista de aterrissagem é tão grande quanto a das maiores capitais do mundo. E por quê, Hernando? Pra que isso? Pra que essa base aérea num país miserável como o nosso?

HERNANDO — Sèr lá. O governo é quem sabe, a função é dele!

LENÇO — Não. É sua. Você é quem tem que saber, tem que pensar. A vida é sua. Vai deixar os outros resolverem por você? Há nove anos que só se constroem estradas de interesse militar no país. E agora há uma base de projéteis teleguiados que custou milhões de dólares. Por quê, Hernando? Por quê?

HERNANDO — Sei lá. Não me interessa. Eu só sei que você apareceu na minha casa, e meia hora depois eu virei fugitivo da polícia.

LENÇO — Você vive num país que é governado por um ditador.

HERNANDO — Eu não discuto política. Muito menos com um agitador. Eu cuido da minha vida.

CLARA — Enquanto o seu país apodrece. E você também. Você da classe média. Você também sente na carne o problema: a inflação está te sufocando, Hernando. A classe média no Paraguai está arruinada. Mas antes dela há milhões de operários e camponeses. Setenta por cento deles sofrem de doenças graves, tuberculose, o diabo. O poder aquisitivo de um operário só dá para cobrir 30% do custo de vida. Isto quer dizer fome! Fome diária! A mortalidade infantil é de 80%. E você não tem nada com isso. Não discute política. Há dez anos que nós somos dominados por um ditador que usa todos os meios para se manter: a tortura, o fuzilamento, o assassinato em massa, o terror implantado legalmente e isso você está cansado de saber. Mas você não tem nada com isso.

HERNANDO — Cala a boca. Cala a boca.

CLARA — Você não tem nada com isso mas vive no Paraguai. Depende de tudo que acontece lá. A dívida externa do Paraguai em 1955 era de 7 milhões de dólares, em 1960 foi a 38 milhões. De 7 para 38 milhões de dólares. Esses dados não te interessam. Você nunca lê sobre isso. Vinte e sete milhões de dólares saem todo ano do Paraguai. Dinheiro que dava para transformar o seu país num lugar habitável por um ser humano, mas vai embora e você não tem nada com isso.

HERNANDO — Não tenho nada com isso... Eu não quero saber de...

CLARA — Você está podre, Hernando. Você tem medo. Mas há vinte mil operários que querem reagir. Há quinhentos mil refugiados políticos que querem reagir. Há milhares de camponeses oprimidos que vão reagir. Que vão fazer a revolução. E você será esmagado porque não tem nada com isso. Fica em casa defendendo a sua vida de semipária. Não, Hernando.

Eu não posso pensar em você, nem na sua segurança. Você já está podre.

HERNANDO — Cala a boca. Cala a boca.

CLARA — Isso, Hernando. Não pensa. Fecha tua boca de homem de classe média e apodrece. Você fecha os olhos enquanto o seu presidente-ditador vende o seu país.

HERNANDO — (*Desespero crescente*) Vende por quê? Isso é *slogan*. Isto é comunista falando. É instigar ódio. É...

LENÇO — Seu estúpido! Pense! Por que existe a base aérea? Por que existe a estrada? Você não vê que o nosso país foi transformado em campo de batalha? O que aquela concentração de armas e contingentes militares americanos no Paraguai representam? Contra quem eles vão lutar? O Paraguai fica no centro da América do Sul. Entendeu? No coração do continente. De lá, eles podem esmagar qualquer revolução que arrebente na América do Sul. Apertando botões, eles podem assassinar qualquer povo que empunhe armas para se libertar. Você não fica orgulhoso com isso? Não sente o patriotismo de bom paraguaio queimar no sangue?

HERNANDO — Isso é mentira! Eu não entendo disso. Sou um homem simples. Mas, isso, assim, não pode ser!

LENÇO — Eu conheço muitos homens simples que sempre cuidaram da terra. Mas que entendem mais disso do que você. Por que as coisas chegaram a esse ponto? Você sabe? É simples como parte de uma vaca. É assim que eles dizem. O nosso querido presidente se vendeu. Vendeu o ferro e o petróleo, vendeu o café e o açúcar, vendeu o mate. Vendeu tudo. E comprou também. Vendeu barato e comprou caro. E cada vez foi se endividando mais. Nós somos um país de cabeça baixa. Devemos até as calças. Portanto, temos que fazer tudo que eles quiserem. Tudo que nos mandarem.

Então, para coroar isso tudo, como se coroa a virgem santíssima na festa de maio, eles construíram todas aquelas bases aéreas e todas aquelas estradas e mandaram soldados pra lá, como se o país fosse deles. Porque o país é deles. (*Desespero crescente de Hernando durante todo o diálogo. Ele sai desarvorado.*)

CLARA — Vamos dormir que amanhã é preciso acordar cedo (*Saem para as celas.*)

BÊBADO — Oba, oba! Ê, mulher! Oba! Seu moço, hei, tem um cigarro? Mulher bonita, seu! Agora só falta melão com açúcar... (*Vozes, risos abafados. Silêncio. Entra Hernando, senta. Está sob forte tensão. Entra Delegado.*)

DELEGADO — Foi você quem mandou me chamar?

HERNANDO — O senhor me desculpe. Eu pedi ao guarda que...

DELEGADO — Pode falar. O que é?

HERNANDO — Bem... Eu... Queria voltar pra minha casa... Queria atravessar a fronteira de volta para o meu país e...

DELEGADO — Não tenho nada com isso. Primeiro tem que passar por Curitiba... As autoridades lá é quem resolvem. Depois, se quiser voltar, isso é lá com eles.

HERNANDO — Pois é... Eu não queria passar por mais nada. Pode dar complicação. Eu sou um cidadão simples, não tenho nada a ver com a revolução, nada... entrei nisso sem querer.

DELEGADO — Bem, isso não é assunto meu. O negócio agora é aguardar as providências.

HERNANDO — Escuta... Se eu revelar um fato importante, o senhor deixa eu ir embora em paz.

DELEGADO — Qual é o fato?

HERNANDO — O senhor deixa?

DELEGADO — Não faço trato com delator. E agora vá falando, logo, senão é pior.

HERNANDO — Não, eu falo. Eu quero cooperar com o senhor... (*Pausa*) Esse que lhe deu o nome de Alfonso Yêpes...

DELEGADO — Vai desembuchando.

HERNANDO — Bem... este não é o verdadeiro nome dele. Chama-se Aguirre, o senhor já ouviu falar? É um dos líderes da revolução... é um...

DELEGADO — Cale a boca. Vou te trancar numa cela. Não tem vergonha na cara? Traindo seus companheiros?

HERNANDO — Mas não são meus companheiros.

DELEGADO — Vombora, seu delator sujo... (*Sai com Hernando. Entra Prefeito, senta-se. Volta o Delegado. Há uma pausa desagradável. O Prefeito sorri.*)

PREFEITO — Então, Romão? Como vai essa força?

DELEGADO — Tudo bem... eu não sei como é que o senhor vai encarar, mas eu fui obrigado a expulsar o Zizico da cidade... (*Pouco à vontade, se esforçando.*)

PREFEITO — Ora, Romão... O Zizico estava precisando um corretivo mesmo, não tem nada... Você fez bem... Não foi pra falar do meu filho que eu vim aqui... é sobre o negócio de uns paraguaios que apareceram aqui... eu sei que tem agente federal que está viajando para cá... vem por causa do tal de Aguirre... diz que é um líder revolucionário, um sujeito perigoso... já sei também que o agente tem ordem de dar um jeito no caso desse Aguirre. Acabar com a vida dele. (*Tom*) Você já identificou o Aguirre?

DELEGADO — Não. Não tem Aguirre nenhum aqui. São três borra-bosta. Ninguém importante.

PREFEITO — Olha, Romão, o negócio é sério. É bom a gente se entender. Eu não quero que esse sujeito seja morto aqui em Missão do Cantagalo.

DELEGADO — Não entendo, eu...

PREFEITO — Se o tal de Aguirre está aqui, a gente tem que dar um jeito de fazer ele atravessar a fronteira de volta. O que não pode é matar o cabra aqui. No mês que vem tem eleição. Jornal vai fazer onda, acaba vindo repórter

até da capital, vão xeretar tudo... e a oposição cai no meu cangote... a repercussão pode ser muito prejudicial... entenda isso... o homem tem que sumir, voltar para a terra dele...

DELEGADO — Bem, se é assim, eu pensei que o senhor...

PREFEITO — Eu sei... mas agora eu só posso pensar nas eleições... o agente, o agente, nós damos um jeito... dizemos que foi alarme falso, que eram três borra-bosta... não podemos é fazer uma besteira agora... o interesse é seu também...

DELEGADO — Tá certo. Vou lhe dizer... Já identifiquei o Aguirre... mas já tinha resolvido mandar ele de volta. Não mato gente sem razão. Não sou capanga. O senhor sabe que eu cumpro minhas obrigações, mas não admito ser obrigado a fazer o que não quero, o que não acho direito.

PREFEITO — É. Você é meio chato... já me deu umas dores de cabeça por causa desse seu orgulho. (*Riem meio forçado.*)

DELEGADO — Mas se nós pensamos igual, está o fino. Hoje mesmo resolvo o caso.

PREFEITO — Ótimo. Tem que ser hoje, agora mesmo. (*Aparece um vulto na porta. Pausa. Depois entra lentamente. Sujeito de terno, óculos escuros, aparência irracional, extra-humana, automática. Não propriamente de estúpido nem mal-educado. Simplesmente um homem-máquina, emissário de alguma força oculta.*)

AGENTE — (*Fala impessoalmente.*) O senhor é o prefeito?

PREFEITO — (*Meio afobado. Concorda.*) Me avisaram da sua chegada...

AGENTE — Eu estava mesmo tomando as providências para facilitar seu trabalho. Já está tudo acertado. O homem não sai vivo daqui. (*O agente olha o Delegado e sai. Silêncio entre os dois.*)

PREFEITO — Não adianta, Romão. Só podia ser antes do agente chegar. Agora, o homem não pode

sair vivo daqui... Que que é?

DELEGADO — Não falei nada.

PREFEITO — Então não fica com essa cara... que que você pensa? Estou gostando da idéia? Vai ser uma merda pra mim. Mas agora tem que fazer... Esse filho da mãe chegou depressa demais...

DELEGADO — A gente manda o paraguaio embora e diz que matou.

PREFEITO — Tá maluco. Pensa que tá lidando com meganha? É agente federal. Não dá pé.

DELEGADO — Não sou capanga, não sou tocaieiro.

PREFEITO — Romão, pensa. Se a gente não faz o que eles querem, é o nosso fim.

DELEGADO — (*Gozando*) E as eleições?

PREFEITO — Que se danem. A gente se vira depois. Enfrenta. Com meia dúzia de discurso, bota uns paninhos quentes. A gente fala que nem lavadeira. Embroma, mas não pode é fazer besteira agora.

DELEGADO — O senhor é um crápula.

PREFEITO — Deixa de ser besta, Romão. Deixa de ser boçal (*Dominando-se. Fala rápido e confidencial.*) Vamos ter que enfrentar a oposição, tá certo. Mas muito pior era ter que enfrentar um boicote político. É o governo federal mesmo, não é a tia Joana, não.

DELEGADO — Aqui em Missão a gente tem força.

PREFEITO — Mesmo aqui. Você está muito inocente nessa jogada. Vou te clarear as idéias. O coronel Juvêncio, por exemplo, o negócio dele é café. Tem muita terra plantada aqui, em Missão. Mas há cinco anos comprou terras no Paraguai e tem lá três fazendas. Ganha muito mais lá do que aqui, o dólar que ele recebe não é descontado, a terra é mais barata, a mão-de-obra, transporte, tudo. E o governo do Paraguai ainda facilita o embarque do café. E como ele tem uma porção... Uma porção...

DELEGADO — O que que eu tenho com isso?

PREFEITO — São eles quem mandam nessa merda, velho.

Há muitos interesses em jogo. Muito brasileiro investindo no Paraguai. Até fábrica de garrafa já instalaram lá. Muito dinheiro metido nisso. Você tem que se defender também.

DELEGADO — O que que um homem como eu pode fazer sozinho?

PREFEITO — A situação no Paraguai é feia. É um país central, sem porto de mar e essa coisa toda. Foi ficando para trás. Miséria é problema grave, Romão. O povo lá é um barril de pólvora. Sente como Aguirre é estopim. Só mesmo ditadura é que pode conter um povo desse jeito.

DELEGADO — Não sei. Não entendo direito. Acho que o senhor está exagerando.

PREFEITO — Exagerando coisa nenhuma. Para quem é dono do mundo, ceder um milímetro é perigo de vida. Se estoura uma revolução no Paraguai, é um precedente perigoso. Veja o caso de Cuba. Tá botando idéia atravessada na cabeça de todo esse povo por aí. Você mesmo de vez em quando tem que dar seus tirinhos para segurar camponês agitado. Revolução é o diabo. Olha pra nós. Nossos interesses. Você aqui é rei... manda e desmanda... Revolução é supressão de liberdades, o Paraguai tem de esperar. Com o tempo a solução vem. Mas devagar, por etapas. Se o povo sofre, se existe miséria, tem que agüentar um pouco. Não pode é violentar a ordem, Delegado.

DELEGADO — Não mato gente que não conheço. Um sujeito que nunca me fez nada. Mato quando é preciso.

PREFEITO — Agora é preciso. Você não sabe é defender os seus verdadeiros interesses. Pensa como um valentão de bar. Por que é que você tem força política? Por que você pode expulsar o filho do prefeito da cidade?

DELEGADO — Eu sabia que o caso era pessoal.

PREFEITO — Pessoal é o cacete! Zizico é uma besta.

Quero que ele se dane. (*Levanta, agitado.*) Você é uma toupeira, Romão. Teimoso, jerico.

DELEGADO — O senhor vai me desculpar, mas eu não faço.

PREFEITO — Não faz, Romão? Não faz e acaba a tua situação. Desaparece dos quadros da polícia, vira pé-rapado no meio da rua.

DELEGADO — Minha cabeça é minha. Não deixo os outros pensarem por mim. Essa coisa toda é porca.

PREFEITO — Afinal de contas, por que esse empenho todo em salvar a pele de um sujeito que você nem conhece?

DELEGADO — Eu acho que... sei lá... não tô entendendo essa coisa toda, não.

PREFEITO — Acabou a conversa, Romão. São nove horas; às onze tem que estar tudo resolvido. Tudo feito. Juízo, Romão. (*Saindo*) Juízo, homem. Juízo. (*Sai e volta.*) Amanhã é dia de víspora lá em casa. Não vai esquecer, hein?

DELEGADO — (*Fica parado e depois grita.*) Xiru! O, Xiru! (*Guarda vem esfregando os olhos.*) Traga o homem de lenço vermelho.

GUARDA — O alto?

DELEGADO — É. O do lenço no pescoço. Anda logo. (*Guarda volta com Aguirre.*) Agora pode ir embora.

GUARDA — Embora?

DELEGADO — É. Eu fico aqui. Vai lá pra fora. (*Guarda sai. Pausa.*) Você me deu um documento falso. Seu nome é Aguirre.

LENÇO — Foi preciso.

DELEGADO — Homem que é homem enfrenta as coisas. Não se esconde atrás de nome falso.

LENÇO — Existe coisa mais importante para enfrentar. Não posso me expor. Sou obrigado a andar escondido. Há muita gente me caçando.

DELEGADO — É. Tem mesmo.

LENÇO — Já me descobriram aqui?

DELEGADO — Já.

LENÇO — Que é que o senhor vai fazer?

DELEGADO — Isso é comigo.

LENÇO — Verdade? O senhor sabe por que é que eu sou caçado assim até no seu país?

DELEGADO — Claro. É um agitador.

LENÇO — Sou. Mas isso só devia importar no meu país. Que eu sou caçado lá, é lógico. Mas por que no Brasil?

DELEGADO — Há motivos.

LENÇO — Sem dúvida, o senhor sabe quais são?

DELEGADO — Não tenho que lhe dar satisfações!

LENÇO — O senhor me chamou. É porque quer saber alguma coisa; senão, tomava logo as suas providências.

DELEGADO — Que merda. Você só veio me trazer aporrinhação. (*Anda pela sala. Depois, encarando Aguirre.*) Pois olha. Eu tenho ordem de não deixar ninguém vivo aqui.

LENÇO — Foi pra fazer isso que o senhor me chamou?

DELEGADO — Não. Foi pra ter uma conversa. Lá pras tantas, o coronel me perguntou por que é que eu estava defendendo a pele de um sujeito que eu nunca vi mais gordo.

LENÇO — Era eu.

DELEGADO — É. E eu não soube responder. Isso tudo está me deixando de saco cheio.

LENÇO — Por quê?

DELEGADO — Porque minha vida é minha. Porque eu sou dono do meu nariz e esse serviço porco de pistoleiro eu não admito.

LENÇO — É. É verdade. Liberdade.

DELEGADO — O quê?

LENÇO — Você acha que é dono do seu nariz, de repente é obrigado a reconhecer que há alguém que pensa por você.

DELEGADO — Ora, isso é claro. Tem sempre alguém que manda em alguém, ora porra. Tem o governador do Estado, tem o presidente da República...

LENÇO — E quem é que manda no presidente?

DELEGADO — Mas não é mandar. São compromissos, obrigações dos dois lados. Isso é a liberdade

que você falou aí.

LENÇO — Agora sua liberdade está sendo roubada. Você está sendo obrigado a fazer o que não quer. Você também tem esses compromissos e obrigações, não é? Mas é livre?

DELEGADO — Mas que merda de liberdade que você fala tanto?

LENÇO — Eu sou um criminoso? Roubei galinha? Fiz contrabando? Matei alguém?

DELEGADO — Não. Mas não é...

LENÇO — E você tem que me matar. Obedecendo a que lei?

DELEGADO — Sei lá. Só sei que eles...

LENÇO — Você podia nos mandar de volta para o Paraguai.

DELEGADO — E eu me arrebento aqui? Eles querem ver o seu cadáver, entendeu?

LENÇO — Entendi. Nós dois estamos no mesmo barco, só que eu remo e você não.

DELEGADO — Como é que não? Então eu não cumpro a minha função?

LENÇO — Não cumpre. Não pode. Sabe por quê?

DELEGADO — Por quê?

LENÇO — Porque eu me rebelo, porque eu luto contra tudo isso e você não.

DELEGADO — Você luta na sua terra, contra um ditador. No Brasil há uma democracia.

LENÇO — No Brasil! O Brasil e o Paraguai estão na mesma situação. São dominados, sugados, roubados. O Paraguai é mais pobre que o Brasil e está acontecendo uma coisa muito simples. O Brasil está entrando na vida econômica do Paraguai da mesma maneira que os países imperialistas intervêm na economia do Brasil.

DELEGADO — Eu não. É a lei do mais forte. Tem que ser assim.

LENÇO — Bem, eu acho que essa lei do mais forte não é muito humana. Mas antes disso é preciso ver que nesse caso o Brasil está fazendo o

suicida. Agindo para aumentar a força dos países imperialistas que manobram também o Brasil. Que mantêm toda a América Latina com a vida pela metade.

DELEGADO — Isso não é assunto meu.

LENÇO — Talvez seja. Quando o Brasil apóia o governo ditador que existe no Paraguai, ele lucra alguma coisa. Mas aquele governo ditador defende diretamente os interesses dos países que exploram o próprio Brasil. E é em nome de tudo isso que você tem que me deixar sair vivo daqui. É a lei do mais forte que você está sentindo em cima de você agora.

DELEGADO — Tudo isso que você disse não ajudou muito, não. A situação continua a mesma. Acho até que era melhor não ter dito nada.

LENÇO — Eu sei. Mas sei também que é a única coisa que eu posso tentar. A decisão depende de você. Eu não posso fugir. Você está armado e há um guarda armado lá fora. Só o que eu posso fazer é raciocinar junto com você.

DELEGADO — Pois já chega. Chega. Chega de falação. Chega. Volte para a sua cela. (*Lenço sai. Delegado senta desmoronado. Fica uns momentos com as mãos na cabeça apoiado na mesa. Depois abre lentamente a gaveta. Tira os documentos dos três e coloca-os sobre a mesa.*) Aguirre! (*Aguirre aparece.*) Chame seus companheiros. (*Entram os três. Silêncio. Delegado se mexe. Põe a mão sobre os documentos.*) Aguirre... você... você... (*Aguirre se adianta como tentando dar-lhe apoio. Delegado faz gesto para ele retroceder. Levanta-se.*) Eu já resolvi. (*Delegado, quando levantou segurou os documentos nas mãos maquinalmente.*) Quando eu te chamei ainda agora, eu precisava sentir raiva de você. Queria que você falasse, fizesse alguma coisa... Pra eu sentir raiva de você... Você falou e falou. Eu não tenho nada com a sua revolução...

Você só veio me trazer problema. Tudo o que você faz é assunto seu. Não tenho nada com isso. Mas meu emprego eu é que tenho de defender.

LENÇO — (*Para Clara.*) O delegado recebeu uma ordem...

DELEGADO — (*Cortando.*) Eu não sou a palmatória do mundo.

LENÇO — O que é que você resolveu?

DELEGADO — Eu não posso resolver todos os problemas.

LENÇO — Escuta... Você pode...

DELEGADO — (*Cortando.*) Eu... eu não sou Deus... não sou dono da... (*Bate forte no peito.*) Eu não sou Deus. Eu faço o que tenho de fazer...

LENÇO — Você não pode?...

DELEGADO — (*Pega a arma.*) Não interessa... é um peso... entende? É demais! Eu sou um homem...

LENÇO — Deixa Clara ir em paz...

DELEGADO — (*Em cima da fala.*) Vocês só vieram me trazer problema!...

LENÇO — (*Em cima.*) Espere, nós ainda podemos...

DELEGADO — Merda. Merda. Diabo. Pra trás. Todo mundo. (*Lenço avança para desarmar o Delegado. Delegado atira com a mão já segura por Lenço. Hernando quase histérico grita. Tenta fugir e ao mesmo tempo agarrar-se em Clara. Guarda que entrou atira nos dois. Atinge Clara. Hernando avança para o guarda, que atira nele. Aguirre lutando com o Delegado. Guarda vem por trás. Pegando-o, arrasta-o para trás. Desprendendo-o do Delegado.*) Larga o homem, Xiru! Larga o homem. Larga. (*Delegado olha para os dois estendidos. Aguirre abaixa-se para Clara, segurando-a.*) Você não entende, Aguirre. (*Aguirre se levanta, não avançando.*)

LENÇO — Filho da puta! Filho da puta! (*Delegado atirando.*)

DELEGADO — Não sou eu. Não sou eu. Não sou eu. (*Aguirre cai. Delegado olha para Xiru.*) Eu

não queria... Não... Eles é que... Você entende, Xiru... eu... (*Vai para Aguirre.*) Desculpe... eu só... (*Levanta-se.*) Eles é que... (*Fica parado no meio dos três mortos. Arma na mão.*)

O vulto do agente aparece. Ele aparece na porta, olha e sai. Luz em resistência apagando lentamente enquanto se ouve a voz do bêbado.

BÊBADO — Ih, que barulheira aí, ô. Deixa os outros dormirem. Parece até guerra, poxa. Calma no Brasil. No Brasil não há pressa. (*Abaixando a voz.*) Brasil não tem pressa... (*Alto*) Brasil é uma democracia. Eu tenho direito de dormir, ora!

A ESTÓRIA DO FORMIGUINHO OU DEUS AJUDA OS BÃO

Arnaldo Jabor

A ESTÓRIA DO FORMIGUINHO OU DEUS AJUDA OS BÃO

Arnaldo Jabor

PERSONAGENS

Favelado I
Favelado II
Formiguinho
Mulher
Doutor
Monstro I
Monstro II
Cérebro Eletrônico
Governador

I

Cena: (*Uma favela carioca. Cenário típico. Uma mulher esfarrapada e suja estende roupa na corda enquanto canta, com voz rouca e doentia. De vez em quando tem um ataque de tosse em meio à música. Também em cena há dois favelados também sujos e andrajosos, sentados no chão. Entra o Formiguinho, personagem central, indivíduo esquelético, curvadinho, semelhante ao animal que lhe dá nome. Formiguinho entra por um lado, com andar cômico, carregando na mão um martelo. Os dois favelados acompanham-no com os olhos, curiosos. A mulher cantando sempre. Formiguinho coloca o martelo no chão e sai de cena. Volta com uma caixa de pregos e um serrote. Coloca-os no chão metodicamente. Sai, sob os olhares curiosos dos dois. Mulher cantando e tossindo. Formiguinho volta com tábuas nas mãos.*)

FAVELADO I — Esse otário tá de lance...

FAVELADO II — Cara otário é assim mesmo...

(*Formiguinho empunha o martelo. Afasta-se dois passos de um local imaginário. Mede distâncias. "Teoriza a porta" que pretende construir com gestos de arquiteto.*)

FAVELADO I — (*Irônico, rindo*) Euuuu, hein?...

(*Formiguinho começa a bater com o martelo. Mulher pára de trabalhar e se volta.*)

MULHER — Seu Formiguinho (*ele bate*), seu Formiguinho (*ele pára*), ainda que mal lhe pergunte, que eu graças a Deus não sou de me meter na vida de ninguém que a vida da vizinhança não me interessa, mas, arripito, ainda que mal lhe pergunte... tá fazendo o quê????...

FORMIGUINHO — Eu?

MULHER — É.

FORMIGUINHO — Uma porta.

MULHER — Uma porta?

FORMIGUINHO — Uma porta.

FAVELADO I — (*Aturdido*) Uma porta...

FAVELADO II — (*Desconfiado*) Uma porta...

MULHER — Pro barraco?

FORMIGUINHO — Pro barraco.

FAVELADO I — (*Rindo ironicamente*) Ihh, rapá, deixa ele, nêgo que é otário num tem jeito, não. Nêgo que é otário é fogo.

FAVELADO II — Deixa ele... deixa ele...

FORMIGUINHO — (*Meio irritado*) Deixa ele o quê, pô?...

FAVELADO I — Deixa tu ser otário...

MULHER — Me admiro o senhor, seu Formiguinho...

FORMIGUINHO — Me admiro o quê, pôxa?...

MULHER — Um homem tão bão, dereito, fazer uma coisa dessa...

FORMIGUINHO — Coisa dessa o quê, pô?...

FAVELADO II — Quedê a licença, rapaz, tu tem ela?

FORMIGUINHO — Licença?

FAVELADO I — Cara otário é fogo...

MULHER — Tu não sabe que tem de ter licença? Pra construir a porta?

FORMIGUINHO — Quem que disse?

FAVELADO II — Seu doutor... seu doutor que disse... todo mundo sabe.

FAVELADO I — Menos otário.

MULHER — Tu te lembra do Boca de clarinete? Pois é. Ah que eu boto janela, porta, telhado, que eu sou homem e faço. Aí vem o seu doutor e pede a licença, cadê a licença, não tem? Ah, não tem licença? Lá vem polícia, despeja ele, manda ele embora do barraco, bota o barraco no chão e pronto, taí o Boca de clarinete com uma mão na frente e outra atrás na rua, sem casa...

FORMIGUINHO — Isso é ele. Eu vou botar uma portinha...

FAVELADO II — Num pode, ô pato. É lei. Num pode.

MULHER — E quem não respeita as lei é malfeitor. Criminoso.

FAVELADO I — Tu é advogado?

FORMIGUINHO — Não.

FAVELADO II — Deputado?

FORMIGUINHO — Não.

MULHER — Formado?

FORMIGUINHO — Não.

FAVELADO I — Dentista, arquivista, trapezista?

FORMIGUINHO — Não, não, não.

MULHER — Vereador, doutor ou senador?

FORMIGUINHO — Num sou, não. Num sou, não.

FAVELADO II — Então?

FORMIGUINHO — Então...

FAVELADO I — Como é que tu te mete a bancar o vivão?

MULHER — Seu doutor é que sabe, Formiga, ele é bacana, estudou. Ele é que sabe de tudo, o seu doutor. Tu é micha. Formiguinho. Favelado. Porcaria. Tu é lixo, Formiguinho.

FAVELADO I — E é pecado, inda por cima. Seu vigário me contou. Deus que vê as má ação. Nosso Senhor está vendo e castiga os malfeitor...

(*Pausa. Formiguinho pensa.*)

FORMIGUINHO — E se eu peço direitinho, se eu não vou contra as lei. E se eu não peço, se obedeço, se sou um cara legal. Vou pro céu, eu construo minha porta?

MULHER — (*Confiante*) Craro. Deus ajuda os bão...

FAVELADO I — (*Confiante*) Craro. O seu doutor e os deputado só quer nosso bem.

FAVELADO II — Craro. Pedindo por favor, a gente consegue tudo.

FORMIGUINHO — (*Largando o martelo. Juntando as tábuas etc. Matutando.*) Deus ajuda os bão... Deus ajuda os bão...

(*Fica tudo escuro. As personagens ficam estáticas ao fundo. Entra a narradora, trajada como se fosse a fada boa de histórias infantis. Com voz suave e terna, diz:*)

FADA-NARRADORA — Boa noite. Este é o início de uma linda história. A história do Formiguinho, um homenzinho muito bonzinho que morava no alto de uma bela favelinha perto do mar, lááá á no Rio de Janeiro, onde tem o Pão de Açúcar, o Carlos Lacerda, o Corcovado... Entre todas estas maravilhas, morava o bom Formiguinho, com seus onze filhinhos, quinze ratinhos, três gatos e sua mulher tuberculozinha. Moravam todos num barraco pequenininho, onde nunca chegava um pãozinho, porque era muito alto e o padeiro ficava de saco cheio de ir até lá. Formiguinho era pobre. Mas... não pensem vocês que era desobediente. Seguia os bons conselhos, os dez mandamentos de Deus e o Código Civil de Clóvis Bevilácqua... Formiguinho, bom brasileiro, democrata, defensor de nossas sagradas tradições, bom católico, puro e honesto, sabia que tudo que é feito dentro da lei, tudo que é feito em nome do Bem, é recompensado. Por isso, ele confiava em sua vitória. Sua vida iria melhorar, porque ele era bom e Deus ajuda os bons... (*Luz*)

II

(*Formiguinho e seu doutor, encarregado da favela, do serviço assistencial aos favelados. Homem acafagestado, de terno branco, chapéu panamá, gravata vermelha etc.*)

FORMIGUINHO — ...e fica assim de bicho, seu doutor, que o senhor nem imagina... Na outra noite entrou um gato, que até que foi bão: a gente matamos ele. E as crianças, que nunca comeu filé minhão, acharam ótimo...

DOUTOR — Perfeitamente...

FORMIGUINHO — O vento entra que a gente tem de amarrar as criança nas mesa, que... num é mole...

DOUTOR — Perfeitamente...

FORMIGUINHO — E os porrista? A gente tem de botá um menino de fora toda noite, porque senão vai dormir mais de dez lá dentro... e num é mole...

DOUTOR — É lastimável...

FORMIGUINHO — Depois...

DOUTOR — Sim?

FORMIGUINHO — O caso é que...

DOUTOR — Fale, bom homem.

FORMIGUINHO — Se eu bobear, entra os cara e...

DOUTOR — Sim?

FORMIGUINHO — Passa a Creusa na cara!

DOUTOR — Perfeitamente...

FORMIGUINHO — Num é mole...

DOUTOR — De maneiras que...

FORMIGUINHO — Daí eu vim aqui porque é o senhor que cuida das licença e os caboco disse que eu tinha que obedecer as lei...

DOUTOR — Sempre!

FORMIGUINHO — Daí eu vim ver se dava um jeito de botar uma porta.

DOUTOR — Não podemos.

FORMIGUINHO — Mas seu dout...

DOUTOR — (*Noutro tom.*) Não podemos.

FORMIGUINHO — Mas nem...

DOUTOR — (*Noutro tom.*) Não podemos.

FORMIGUINHO — (*Suavemente*) Por que, porra?...

DOUTOR — Regulamento, caro senhor.

FORMIGUINHO — Uma portinha...

DOUTOR — (*Noutro tom.*) Regulamento.

FORMIGUINHO — Os porristas entra e...

DOUTOR — Regu...

FORMIGUINHO — Pelo amor de Deus!

DOUTOR — (*Taxativo*) Lamento!

FORMIGUINHO — (*Pausa*) Então, seu doutor, quer dizer que vai continuar aquela esculhambação lá em casa?...

DOUTOR — Perfeitamente.

FORMIGUINHO — Num é mole.

DOUTOR — É inevitável. É o destino. A lei implacável do destino! Formiguinho, você já viu uma favela?

FORMIGUINHO — Eu moro numa, doutor.

DOUTOR — Estou perguntando se você já *viu* uma favela. Diz que não.

FORMIGUINHO — Não, senhor.

DOUTOR — (*Demagógico e profético.*) Uma favela, Formiguinho, é um câncer. Uma chaga, meu filho. Nela fervem todos os parasitas de qualquer sociedade em progresso. Uma favela, filho meu, é um tumor. Um tumor que à noite se ilumina. (*Animando-se pela figura.*) Como se fora... como se fora... o maravilhoso e fulgurante lixo da cidade em crescimento... ou talvez os... os... seios gangrenados da bela Guanabara adormecida, onde fervilham colônias de micróbios. Ouviu, seu micróbio! Isso é uma favela. Uma solução se faz necessária, portanto. Qual será ela, por conseguinte? Dizei, dizei-me, num relance, ela, qual será?

FORMIGUINHO — Não sei, não senhor.

DOUTOR — Adivinha.

FORMIGUINHO — Construir casas pros favelados, com água, luz, privadinha...

DOUTOR — Errou!

FORMIGUINHO — Os ricos pegam o dinheiro e dividem com os pobres...

DOUTOR — Tá frioôôô...

FORMIGUINHO — (*Hierático*) Deus vim e fazê um milagre!

DOUTOR — Quê? Deus, os cambáus! Olha, meu filho, ouve bem, eis a solução, a verdadeira chave do enigma: cessar o êxodo rural. Impeçam a chegada de nordestinos e camponeses na cidade, vedem a entrada desta cambada em nossa cidade, e o problema terá uma resposta. Poderei dar-lhe a tão almejada porta, enfim...

(*Formiguinho tá com cara de quem não entendeu.*)

FORMIGUINHO — Doutor... Ahh...

DOUTOR — Duvidais?

FORMIGUINHO — Não... Não é isso... É... Eu devo ser burro... Mas que que tem cabeça chata a ver com a minha porta, lá no morro?

DOUTOR — Filho meu... Ouve: parando de chegar nordestino, deixa de chegar gente pra favela. Não é? Pois bem A favela não cresce mais. Não é? Pois bem. O que não cresce vai morrendo, não é? Pois bem. A favela vai caindo aos pedaços, michando, michando, até os barracos todos apodrecer e cair. Não é? Pois bem. O que faz a favela existir são os barracos. Deixando de haver barracos, deixa de haver favelados, pois afinal de contas ninguém pode morar num lugar que não existe... Então, construiremos hotéis de veraneio no alto dos morros e colinas... Não é ótima a solução? Hein? Hein?

FORMIGUINHO — (*Meio confuso.*) É, sim senhor... Ah, ah ...

DOUTOR — Isso! Muito bem, Formiguinho, ria, ria. Confia no governo, que ele tudo resolve. Confia e ria, Formiguinho, sempre. Vá agora falar com os homens mais inteligentes do país e pede a eles para acabar com a vinda dos nordestinos pro Rio... Vá. Rindo sempre. Feliz sempre. (*Formiguinho ri bobamente. O doutor dá lindas gargalhadas, afagando-lhe o ombro.*) Isto, meu querido, dinheiro não traz felicidade. (*Risos em crescendo.*) Os pobres vão pro céu. (*Risos.*) Deus ajuda os bão. (*Risos.*) Faminto, doente, burro e nu, mas feliz, feliz, feliz!!!!

(*A cena termina numa sinfonia de gargalhadas demagógicas e risos subdesenvolvidos.*)

CENA II

Quando muda a luz de cena, que ganha tons expressionistas, vermelhos etc., ouvem-se zumbidos, ruídos, engrenagens trabalhando etc. Desce um cenário simples: um painel imitativo de cérebro eletrônico, com chaves, alavancas e rodas. Luzes acendendo e apagando. Atenua-se o ruído. Formiguinho está num canto tremendo, enquanto entram dois monstrengos: dois intelectuais, caricaturados com enormes cabeças tipo "carnaval de Nice", movendo-se grotescamente pelo palco. Formiguinho treme, e desvia-se dos enormes senhores...

MONSTRO I — (*Melodramático como se estivesse representando Ésquilo ou Racine.*) Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim! que tenho dentro da alma o conhecimento total da natureza. Ai de mim, que conheço os segredos profundos do Universo!...

MONSTRO II — (*Também melodramático mas com voz fina e não cava.*) Ai de mim! Ai, ai, ai, de mim! que carrego no coração enegrecido pela angústia toda a humana dor. Ai de mim, que nada sou. Sou pó, e ao pó reverterei! Ai de mim, que tenho a náusea metafísica! Ai de mim, que li Sartre!...

MONSTRO I — Ai!...

MONSTRO II — Ai. Ai!...

MONSTRO I — Ai, ai, ai!...

MONSTRO II — Ai! Estou cansado de ser gênio. Eu sofro. Tudo sei. A história humana, divina. A ciência. A origem dos planetas! Ai de mim, que carrego a cruz do saber. Ai de mim, que estou com prisão de ventre desde o dia da posse do presidente Epitácio Pessoa...

MONSTRO I — (*Melodramático.*) Tomai, tomai leite de magnésia, que passa; tomai, tomai! ai! ai! ai!

(*Vê o Formiguinho.*)
Ai! (*Deu grito de susto.*)

MONSTRO II — Que foi?
MONSTRO I — Falai!

(*Olham o formiguinho encolhidinho.*)

MONSTRO II — Que será?
MONSTRO I — (*Ao Formiguinho.*) Falai!
FORMIGUINHO — Eu... eu... queria saber...
MONSTRO I e II — Ah! Ah! Não digais mais nada! Nada mais digais. Em este calmoso mês de agosto bem fizeste em nesta casa vir. Bem fizeste com nós dois falar. Tudo sabemos. Tudo somos. Tudo vemos.
MONSTRO I — Quereis saber... os segredos da matemática? A equação que explica o Universo?
MONSTRO II — Ou o sexo de Deus? Se Deus é homem? Se Deus é mulher? O que quereis?
MONSTRO I — História? Se é verdade que Napoleão era fresco? Se era égua ou cavalo de Tróia? Será isto?
MONSTRO II — Filosofia? Se eu penso? Logo existo? Se penso? Se existo? Se sou o centro do Universo ou se sou o cocô do cavalo do bandido? Hein? Hein?
MONSTRO I — Que quereis? Dizeis!
FORMIGUINHO — Como é que acaba de chegá gente do norte pro Rio?
MONSTRO II — Como? Como disse?
MONSTRO I — Disse? Como como?
FORMIGUINHO — Parar de chegar gente pro Rio.
MONSTRO II — Bem... Ahhhahh... Ai de mim... Isto é... Trata-se de problema de somenos importância... Muito simples... Assaz... ademais... demasiado... paca... às pampa...
MONSTRO I — Exato... Simplíssimo. Explica a ele, confrade...
MONSTRO II — Trata-se de uma problemática de êxodos periódicos de *Homo sapiens* do habitat natural para outras regiões...
MONSTRO I — Nomadismo!

(*Formiguinho não entende.*)

MONSTRO II — Não entendeste, ignaro?!
FORMIGUINHO — O doutor disse que os senhor sabia a solução pra acabar com o problema.
MONSTRO I e II — A solução! Solução!
Perguntemos então
A nosso escravo, que não é
Senão
O cérebro eletrônico!

(*Aumentam os ruídos. As luzes apagam e acendem. Zumbidos. Os monstros se encaminham para o painel, mexem em alavancas e chaves. Fazem ruídos etc.*)

MONSTRO I — Pergunta, meu filho. Pergunta.
FORMIGUINHO — (*Fala em um buraco do painel.*) Como é que acaba com o problema do... do...
MONSTRO II — Êxodo rural...
FORMIGUINHO — Êxodo rural...

(*Ruídos, zumbidos etc.*)

CÉREBRO ELETRÔNICO — (*Com voz cava e metálica.*) Re-for-ma... Re-for-ma. Reforma agrá-ria... Reforma Agrária!!!!
FORMIGUINHO — Que é isso, seu doutor? O senhor sabe?
MONSTRO I e II — Pergunta a ele, meu filho, pergunta!
FORMIGUINHO — Que-é-isso?

(*Ruídos, zumbidos etc.*)

CÉREBRO ELETRÔNICO — Dar... a terra... a... quem... trabalha... nela... dar a terra a quem trabalha nela!

MONSTRO I — Tem que dividir as terras dos que têm com os que não têm, entendeu?

FORMIGUINHO — Por quê?

MONSTRO II — Milhões de homens trabalham no campo, mas um pouquinho à toa é quem tem terra.

FORMIGUINHO — E quem que divide as terra? É os senhor?

MONSTRO I — Ai de mim! Nós nada fazemos. Quem faz isso é uma só pessoa: o governador! Sua Excelência, o governador!

CENA IV

Corta a luz. Assim que termina a cena do cérebro eletrônico, entra, no escuro mesmo, uma música típica de televisão, jingle, cantando:

"Água, água, água
água, água, água!
água..."

Voz de *speaker* masculino — Vá hoje mesmo ao revendedor mais próximo e adquira a senhora também uma latinha de água. Agora em novo processo americano: "Água em Pó".

"Água, água, água
água, água, água
água..."

Voz de *speaker* feminino — É simples o preparo de Água em Pó! Basta uma colherinha de oxigênio e duas de hidrogênio e pronto, está preparada sua deliciosa água. Sinta sua leve efervescência, veja seu alegre borbulhar. Água!

"Água água água
água...!

Voz de *speaker* masculino — E agora, numa oferta de *água*, apresentamos! (*Música vibrante.*) A VOZ DO PODER! com a palavra, o próprio!...

Luz. Cena: num canto, três pessoas: um velho, uma velha, uma criada enxugando pratos. Cena típica de telespectadores imbecis. Do outro lado do palco, uma tela de TV, enorme, dentro da qual está o Governador. Uma luz azul sobre seu rostinho demagógico. Sorri. É cheio de carismas e truques. Do lado onde estão os três, o velho, a velha e a criada:

O VELHO — Atenção. Vejam só. Inteligente, corajoso e honesto.

CRIADA — E como é lindo, meu Deus!

A VELHA — Figura escrita do Ruy!

GOVERNADOR — Boa noite, meus queridos!

TODOS — Boa noite!...

GOVERNADOR — Hoje, eu, e quando eu digo eu eu digo eu, mais uma vez com vocês estou, para dar contas de meu grande governo à frente deste belo Estado, e de responder às perguntas que quiserem (*Dá um sorriso.*) indefectivelmente!!!!

O VELHO — Que inteligência!

A VELHA — Parece Quintino Bocayúva!

CRIADA — Como ele é gostoso!...

GOVERNADOR — Temos aqui um sujeitinho muito rasgadinho — que não sei como deixaram entrar — cheio das perguntas (*à parte*) gentinha do povo.. mas, afinal é bom dar uma colher de chá ao povo. Pega bem... (*Sorriso — pausa*) Impreterivelmente...

CRIADA — Ai! Frank Sinatra!

VELHO — Gênio!

VELHA — Marechal Hermes da Fonseca!

GOVERNADOR — Que quereis, individuozinho?

FORMIGUINHO — (*Aparecendo na grande tela de TV — dá adeus para os telespectadores. Ri.*) Boa

noite... boa noite...

VELHO — Cheira-me a agitador social.

CRIADA — Muito micha.

VELHA — Unn, ralé!

FORMIGUINHO — Eu tenho aqui, seu doutor...

GOVERNADOR — Perfeitamente.

FORMIGUINHO — Uma porção de coisas sobre a reforma agrária...

GOVERNADOR — Com efeito.

FORMIGUINHO — A reforma agrária é uma maravilha...

GOVERNADOR — Não obstante.

FORMIGUINHO — Eu descobri que se o senhor mandar fazer ela, fica tudo resolvido. É só o senhor dividir as terras dos que têm com os que não têm... É muita gente morrendo de fome, sem terra e uns pouquinho gordo e com todas as terra...

GOVERNADOR — No entretanto.

FORMIGUINHO — Como o senhor é nosso governador, que está aí pro nosso bem, eu queria que o senhor fizesse a reforma agrária...

GOVERNADOR — Conclusão.

FORMIGUINHO — Tava resolvido tudo. E...

GOVERNADOR — Só isso?

FORMIGUINHO — Só, sim senhor.

GOVERNADOR — Mais nada?

FORMIGUINHO — Não, senhor.

GOVERNADOR — Tem certeza?

FORMIGUINHO — Tenho, sim senhor.

GOVERNADOR — Pois bem (*Começa a se erguer para esmagá-lo. Vai dizer coisas gravíssimas. O Formiguinho se amedronta. Todos se animam e ficam em suspense.*)

O VELHO — Vejam o talento. Esmague-o!

A VELHA — Aí mocinho, aí mocinho.

CRIADA — Botar para jambrar!

(*O Governador enche o peito, ajeita o cabelo, ergue o braço.*)

GOVERNADOR — Indubitavelmente!!!!

TODOS — Ehhhhhh!!!!! (*Palmas*)

GOVERNADOR — O individuozinho me veio aí cheio dos dados, cheio dos conhecimentos...

TODOS — Ahahahaha!!!! (*Vaiam*) uhuhuhuhu!!!

FORMIGUINHO — O moço me ensinou!

GOVERNADOR — (*Cortando*) Ensinou mal!

(*Todos se assustam e se calam, Formiguinho treme.*)

GOVERNADOR — Ensinou a contrariar o direito divino da propriedade privada!

FORMIGUINHO — Propriedade o quê?

GOVERNADOR — (*Muito grave.*) Privada. É preciso garantir este direito que herdamos de Adão.

FORMIGUINHO — Mas se o céu e o mar não é de ninguém, por que que a terra tem dono?

GOVERNADOR — Lei divina!

VELHO — Muito católico ele.

CRIADA — Ficava lindo de padre!

VELHA — Um João XXIII!

GOVERNADOR — O fato é este. Danem-se os milhões de homens que morrem de fome. É preciso que eles morram de fome para que uns poucos ricos morram de indigestão. Isto é que é o certo.

TODOS — Isso!!! Ahahahahaha!!

GOVERNADOR — Quer reforma agrária? Muito bem. Pede aos donos da terra. Pede a eles. Eles dão. A terra é deles. Se eles quiserem, fazem. Canta eles. (*Pausa*) Inexeqüível!

TODOS — Ehehehe!!!

GOVERNADOR — Inequivocamente!

TODOS — Muito bem!!!

GOVERNADOR — Paralelepípedo!

TODOS — Hip hip hurrah, hip hip hurrah!!!

GOVERNADOR — Papel higiênico! Hipopótamo. O verdadeiro hipopótamo patriota usa papel higiênico!

TODOS — Olé, olé, olé!!!

GOVERNADOR — E cada vez que usar deverá jogá-lo fora. Pois há que haver economia, limpeza. Patriotismo, seus malvados. Mamãe eu quero fazer xixi! Xixi, senhores. Ouçam bem. Xi-xi!

TODOS — É o maior. É o maior. É o maior!!!

GOVERNADOR — (*Faz um gesto para que parem. Silêncio.*) Vá ao Nordeste, sujeitinho. Se os donos da terra quiserem, muito bem. Do contrário, não. Agora, essas idéias que você tem na cabeça são de agitador social. Coisas de comunistas.

TODOS — Ohhhhhhh!!!

GOVERNADOR — (*Assustando-se à palavra.*) Comunista!

TODOS — Comunista!!

(*Pânico total. Governador aos gritos. Formiguinho apavorado.*)

GOVERNADOR — Comunista! Cuidado! Olha aí! Pega pra capar! Comunista morde! Olha aí! Au-au-au!... (*Tem um ataque de macumbeiro.*) umuuu-zuuum-meu pai-oxum-nagô-adu-adeus bumbum–a janaína-um (*No meio disso a luz morre. Ouvem-se os gritos do governador, que se misturam com a música que inicia a cena seguinte.*)

CENA V

Cena do Nordeste — *Formiguinho está chegando no Nordeste, cansado da viagem, triste e alquebrado. Em cena há: um cactus, uma caveira de boi balançando por um fio. Encostado no cactus há um camponês, esquelético, rasgado, tocando uma viola. Formiguinho entra cantando, pois haverá um dueto operário-camponês.*

FORMIGUINHO — (*Cantando*)

Êta,
tou chegando do Rio de Janeiro

Êta
travessei este sertão inteiro

(*marcha-rancho*)
Encontrei pela estrada tanta gente
a caminhar
tanta gente que não sabe onde vai parar
tanta gente
tanta gente a caminhar
tanta gente que não sabe aonde vai morar...
tanta gente pra cidade
e que vai se infavelar
êta
tou chegando do Rio de Janeiro

CAMPONÊS — (*Em tom regional.*)
te saúdo, irmão lá da cidade...
que aparece cá nas bandas do sertão
se é de gosto vá contando as novidades
se assentando perto deste seu irmão

FORMIGUINHO — (*Mais carioca.*)
já deixei tantas léguas para trás
eu só quero encontrar o que procuro
tenho os pés tão cansados de andar
e no saco um pedaço de pão duro...

CAMPONÊS — (*xote*)
que procura eu não sei
e não sei se vai achar
é melhor se assentar
e depois ir procurar
se procura noite e dia
noite e dia sem parar
vai ficar com quebradera
e depois não vai achar...

(*Formiguinho senta no chão, rinchando todo.*)

FORMIGUINHO — (*Falando*) Acha sim, meu irmão... a gente sempre acha o que procura... até que aqui no Nordeste eu tenho esperança... vam vê... vam vê...

CAMPONÊS — (*Acompanhando-se na viola, em surdina, com doces harpejos, dedilhando uma canção bem triste*)
Num sei, não, moço. Num vejo nada resolver aqui... A gente só descansa mesmo quando desencarna. Sei lá, seu Formiguinho, deve ser castigo de nosso senhor Jesus Cristo, nosso pai, louvado seja seu nome. Eu... veja bem o senhor... veja bem... por obra e graça de nosso Deus pai todo poderoso tinha vinte fios... aí deu a seca de 39... morreu cinco... nasceu dois... ficou dezassete... deu febre em oito... morreu oito... nasceu um ficou dez... Zequiel morreu de solação... Anania de furunco... Malaquia de mal do demo... Maria Anunciada de terçã... Natividade de fome... era dez ficou cinco em no ano passado, nas eleição furaram Benjamim. Macário retirou... Mariana saiu no mundo. Eram cinco ficou dois e agora a mulher tá de barriga pro mês que vem. É mais um aí, mais um, se nosso senhor Jesus Cristo quiser para sua maior glória e de nossa senhora de Nazaré, de São Pedro e São Paulo, a corte celeste seus anjos e santos e deus padre, amém... (*Nessa parte final, a música torna-se um pouco de hino.*)
A gente aqui num resolve nada. Mas o senhor que é da cidade às vez tem sorte...

FORMIGUINHO — Me mandaram procurar um home. É o dono das terra. As fazenda, é tudo dele. Os gado, os campo de cana, os engenhos, os cavalos, os açudes, as casas grande. Os avião, os automóvel. O seu doutor...

CAMPONÊS — O doutor?

FORMIGUINHO — É, sim senhor.

CAMPONÊS — Dono das terra?

FORMIGUINHO — É o que disseram...

CAMPONÊS — (*Já dando um acorde no violão.*) Tu não disse o nome dele mas eu já sei (*acorde de violão*) aqui todo mundo conhece (*acorde de violão*) é um home arto, gordo...
(*xote*)
é o senhor das terra toda
que ôce andou aí
e que vem andando afora
desde suas banda a pé...
eu já tou mais do que certo
que só pode ser um home
que aqui neste sertão
a gente chama coroné...

—

mas ainda não atinei com
o que passo a perguntar
o que é que este homem
tem aqui que pode dar
pois aqui tudo que tem
que se pode desejar
sem contá nossa miséria
é só dele mais ninguém...

FORMIGUINHO — (*sambinha*)
o que eu quero é uma porta pro barraco
entra vento, entra rato, entra tudo o que quiser entrar
no escritório e no governo
onde fui não pode ser
me disseram que viesse
até aqui pra resolver
pra ter casa pra morar
e lugar pra trabalhar

CAMPONÊS — (*xote*)
uma roça bem viçosa e uma cria pra engordar

FORMIGUINHO — (*samba*) uma vida pra viver com os filho e com a mulher
vou correndo bem depressa pra falar com o coroné.

CAMPONÊS — (*Finalizando o xote*)
güenta, cabra lá do sur
fica no canto quietinho

aí vem o coroné
com seu bispo meu padrinho...

(*O camponês se encolhe todo no canto. Fica trêmulo e começa a cantar humildemente uma horrenda música monocórdia, imbecil:*)

"meu boi, meu boi, meu boi
meu boi, meu boi, meu boi
meu boi, meu boi, meu boi

(*Entram: no compasso da lenta canção, o coronel e o bispo, um atrás do outro. O bispo, pé bem fresco, bem grosso.*)

BISPO — (*Parando no meio do palco, maravilhado.*) Ouça, coronel, (*meu boi, meu boi*) ahhh, o regionalismo... o brasileiro morre de fome mas encontra tempo para cantar... "brasilienses populus cantandi"...

CORONEL — Nada. Vagabundos, eminência. Só fica cantando e não quer trabalharem. Por isso é que morre de fome. É uns fracos.

BISPO — Não, coronel. O sertanejo é antes de tudo um forte, (*meu boi, meu boi*) e humilde (*meu boi*), piedoso (*meu boi*), e feliz (*neheco neheco...*)

FORMIGUINHO — (*Se aproximando. O bispo o vê.*)

BISPO — Que quereis, filho de Deus?

(*A música do violão, que era lenta e em surdina, transforma-se num coco nordestino. O cantador canta, enquanto Formiguinho conta por mímica ao bispo e ao coronel o que deseja..*)

o que eu queria
é uma porta pro barraco
entra vento entra rato
entra home entra mulher
eu fui no morro
onde eu fui pedi socorro

licença pra botar porta
mas não deram nem vão dar
mandaram eu ir no escritório e no governo
ninguém disse que podia e mandaram eu vim cá...
neheco neheco nenheco...
e agora eu peço às vossa incilência
uma reforma pros candango ficá aqui
não descê mais e acabando os pau de arara
num tem mais cabeça chata nas Favela do Pavão
e aí eu posso construir minha portinha e viver
minha vidinha com meus filhos e com a mulher...
neheco nenheco nenheco...

CORONEL — Até que vosmicê tem razão pra pedir uma portinha pro barraco e melhorar sua vidinha... mas daí a fazer a reforma agrária? Ora, fio, por quem sedes! Você que és da cidade, home curto, destruído, vejai este caboclos, tudo burros, analfabégicos, tudo analfabégicos. Dono da terra tem de ser eu! Inteligentil, inteligentil. Reforma agrária é coisa séria...

BISPO — Questão de consciência...

CORONEL — Mas a gente tem uma solução. Eu e seu bispo, que é tudo a mesma coisa. É o americano comprar mais caro o nosso açúcar. O americano paga mais. Eu, eu lucro mais. Com esse dinheiro constroio casas para os homens. Todos ficam morando aqui. Compro um regador para cada um para eles molhar o deserto. E aí, nascerá as fror de novo. O deserto vira um jardim e fica tudo feliz, feliz, as fror, os home, as fror, e então sobre a terra dos homens felizes desce a glória dos céus.

BISPO — (*Com voz efeminada, aguda e trêmula.*) Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia...

FORMIGUINHO — Legal, seu doutor. Mas, como é que se vai lá, pra América do Norte?

BISPO — Olha, meu filho, você está vendo, lááá

ao longe, na curva da estrada, um posto da Esso? Pois é. Vá andando, de posto da Esso em posto da Esso que você chega. Vá com Deus.

(*Formiguinho sai e vem a cena dos EUA.*)

CENA VI

Entra uma música de fundo bem americana, puxada para música de revista musicada da Broadway. No escuro ainda, ao acender a luz, aparecem três coristas, vestidas como tal, dançando e cantando ao som da música, enquanto Formiguinho olha. Elas dançam e cantam mexendo com ele.

Chegou chegou do Brasil
capital Montevidéu
Formiguinho, varonil
nascido em abril
sob um céu de anil
chegou chegou do Brasil
terra das muitas flores
das belezas naturais
da miséria e dos amores
Brasil terra de estrelas
Brasil tuberculose
Brasil esquistossomose
onde o rico vive bem
vive mal o desgraçado
e agora parabéns, recém-chegado
aqui está o departamento de Estado!...

(*Atrás das três coristas está uma mesa com o tio Sam. De tio Sam só se vêem as pernas, pois ele está sentado atrás da mesa, com os pés sobre ela. Aparece também seu chapéu, em vermelho, azul e branco. Entram e saem homens, pedindo dinheiro.*)

HOMEM I — Dinheiro para invadir Cuba, presidente. Thanks.

HOMEM II — Dinheiro para retirar as tropas de Cuba, presidente. Thanks.

HOMEM III — Dinheiro para comprar dez senadores, presidente. Thanks.

HOMEM IV — Dinheiro para o bonde, presidente. Thanks.

(*Continuam entrando homens sem parar, pegando e trazendo dinheiro.*)

PRESIDENTE — Compreendeu agora, Formiguinhas, compreendeu por que não posso? Já há dinheiro determinado para tudo. A gente mora no mundo livre, mas este mundo não é tão livre assim. Não poderei comprar o açúcar do Nordeste mais caro. Temos acordos, tratados, convênios, pactos, regulações, entendimentos, ajustes, manifestos, bate-papos etc. Com os outros produtores de cana, para comprar a preço justo. Se comprarmos mais caro o seu açúcar, teremos de comprar mais caro de todos os outros. As finanças todas entram em crise. Será mais um passo para o fim. Não podemos. Em hipótese alguma poderemos. Não fui eu quem começou esta loucura, mas tenho que tocar para a frente. É uma tragédia ser capitalista. Quanto é que você pensa que está custando um planeta??? Hein? Quanto??? Porém... porém... eu... eu... sei... sim, eu sei quem resolverá o seu problema. É aquele que tudo vê. (*Fala em tom religioso.*) É aquele que está em toda parte. Que ajuda os enfermos, que levanta os doentes, que anima os desesperados, que recompensa os puros e os bons... e ele é... ele é... Superman!... (*Entra o super-homem. Pode entrar, a critério do diretor, dentro de uma cabine telefônica, onde ele mudará a roupa, jogando paletó, calça, sapato e cueca de dentro, até aparecer como super-homem.*)

PRESIDENTE — Clark Kent!

SUPER-HOMEM — Yes, sir!

PRESIDENTE — Vê o que o cavalheiro deseja.

SUPER-HOMEM — (*Virando para Formiguinho.*) How much?

FORMIGUINHO — (*Em terror.*) O quê?

SUPER-HOMEM — Tá pagando quanto?

FORMIGUINHO — Eu? Não tenho dinheiro, não senhor...

SUPER-HOMEM — Não tem? Que esculhambação é essa? Você pensa que eu trabalho de graça? Quem me paga as vitaminas? Minhas radiografias do pulmão? Meus esparadrapos? Olha aí, presidente, mora na onda do garotão... Olha, meu filho, tenho que competir com o Capitão Marvel, com a bicha louca do Bat Masterson, isto é um regime capitalista, um pega pra capar danado. Negócio aqui é cada um por si, Deus por alguns... Te vira, morou? Te vira! (*A luz se apaga. Saem todos.*)

CENA VII

Ao acender há só um foco de luz sobre Formiguinho. Ele está imóvel no palco, está pensando. Por mímica começa a se lembrar de tudo que lhe aconteceu durante a viagem. Pensa. Raciocina. De repente, um sorriso começa a lhe nascer lentamente no rosto. Lentamente. Um sorriso de compreensão. Ao mesmo tempo, ouve-se ao longe, como um chamado, um agogô. Formiguinho compreendeu tudo. O agogô vai ganhando outros instrumentos, pandeiros cuíca, tamborim, se transformando numa batucada. Formiguinho volta. Volta pro morro.
Fica só a batucada no escuro um pouco. Quando acende, é a cena final.

CENA FINAL

(*Formiguinho batendo a porta no chão cercado de outros formiguinhos, olhando o trabalho. Formiguinho bate. A batucada está em surdina.*)

FAVELADO I — Num pode botar porta, ô pato. É lei. Num pode.

(*Formiguinho bate.*)

FAVELADO II — Quem não respeita a lei é malfeitor. É criminoso.

(*Formiguinho bate.*)

FAVELADO III — Fala com o doutor. Ele é que sabe. Tu é micha, Formiga, tu é lixo. É porcaria...

(*Formiguinho bate.*)

FAVELADO IV — É pecado inda por cima. Deus vê as má ação. Deus tá vendo.

(*Formiguinho bate.*)

FAVELADO V — Deus-ajuda os bão. Castiga os mau. Tomara que o seu doutor venha aí e te prenda. Te arrebente. Tomara...

FORMIGUINHO — (*Pára de bater. Levanta-se.*) Eu vou fazer a porta no peito, na raça e na valentia. E não vai ter bronca, não. E não vou fazer só a porta, não. Vou fazer muito mais. Se eu quiser fazer telhado, eu faço telhado. Se eu quiser plantar uma bananeira, eu planto. Faço o que quiser. Olha, pessoal, vocês é que estão de pato por aí. Eu viajei muito. Descobri que todo mundo tá é explorando a gente. Ninguém quer nada com a gente. (*Entra seu doutor. Cruza os braços e fica ouvindo o que ele diz. Os favelados vêem o doutor e ficam apavorados. Tentam avisar o Formiguinho, mas não conseguem,*

pois este está imbuído demais.) Todo mundo está morrendo de fome e de doença no país. Tudo por causa de meia dúzia de filhos da mãe. Meia dúzia de filho da mãe como aquele seu doutor daqui. (*Favelados estão apavorados.*) Faço o que der na cabeça e se alguém bronquear eu quebro a cara. Quebro a cara... (*Doutor bate no ombro dele. Formiguinho se volta. Está tão imbuído que não nota.*) É isso mesmo, companheiro, quebro a cara. É o que a gente... (*Cai em si. Volta-se lentamente para o doutor. Doutor lhe dá um empurrão. Formiguinho cai no chão.*)

DOUTOR — Seu cachorro! Seu delinqüente! Seu agitador! Eu te arrebento.

(*Formiguinho dá uma rasteira nele. Ele cai. Os favelados dão um grito de horror, ante o sacrilégio. Dispõem-se a ajudar o doutor. Formiguinho grita.*)

FORMIGUINHO — Num ajuda esse filho da mãe, não. Num ajuda ele, não, seus escravos. (*Os caras ficam hesitantes.*) Ele só explora a gente. Manda ele pra fora. Vocês pensa que num tem força. Quer ver? Vamo expulsar esse cara. Vamos expulsar ele. (*Formiguinho se levanta. O doutor tá caído, sem jeito de levantar.*) Pega a perna dele. Pega. Pega. (*Eles pegam. Carregam o doutor para fora de cena, aos gritos de comunistas, cachorros e o jogam para fora.*) (*Formiguinho continua o discurso para os favelados, nervosos e surpresos diante da própria audácia.*)

FORMIGUINHO — Viu, pessoal? Viu só como a gente pode fazer o que quiser, que o mundo não cai. E o negócio é esse, pessoal. É lutar e lutar. Eu descobri isso. No Brasil inteiro o povo inteiro morre, morre mesmo. Esses caras são assassinos. Deputado é assassino, político é assassino, padre é assassino, milionário é assassino, americano é assassino.

FAVELADO I — Poxa, Formiga, é bafo teu, mentira tua...

FAVELADO II — Tu é maluco rapaz, tu é maluco...

FORMIGUINHO — No duro mesmo. No duro. Ô Zé, você, trabalha onde?

FAVELADO II — Pedreiro de edifício...

FORMIGUINHO — E tu nem tem casa. Tu mora na favela, na lama. Dorme no chão. E tu, Pedrão? Trabalha onde?

FAVELADO III — Na fábrica de camisa.

FORMIGUINHO — Tu anda nu. Rasgado, Pedrão. Faz camisa pros rico e anda nu. A gente é escravo, pessoal, escravo que recebe um dinheirinho pra num morrer de fome e poder continuar a trabalhar e dar lucro aos patrão. A gente vive pra dar lucro aos outro. Tá errado, pessoal, tá errado...

FAVELADO I — Não dá pé, Formiguinho, não dá pé!

FORMIGUINHO — Tu já experimentou? Já? Experimenta primeiro.

(*Entra o governador.*)

GOVERNADOR — Meu povo! Meu povo! O que é isto? Estão subvertendo a ordem? A tranqüilidade? Estão indo atrás deste agitador social? (*Formiguinho começa a dar ordens mudas aos outros. Eles vão cercando o governador. Acuando o dito.*) Que é isto? Obedeçam-me, seus imbecis. Estão querendo agir contra seu Governador? Eu mando em vocês. (*O cerco aperta.*) Seus... (*Pegam ele e o levam de cabeça para baixo para fora.*) Socorro! aiaiaiaia... polícia! Democratas, salvem-me, capitalistas, salvem-me, salvem-me!

AUTO DOS NOVENTA E NOVE POR CENTO

Antônio Carlos Fontoura
Armando Costa
Carlos Estêvam Martins
Cècil Thiré
Marco Aurélio Garcia
Oduvaldo Vianna Filho

AUTO DOS NOVENTA E NOVE POR CENTO

Onde se vê como a universidade capricha no subdesenvolvimento.

Antônio Carlos Fontoura
Armando Costa
Carlos Estêvam Martins
Cecil Thiré
Marco Aurélio Garcia
Oduvaldo Vianna Filho

PERSONAGENS

Índio 1
Índio 2
Índio 3
Índio 4
Caminha
Cabral
Padre
Português
Negros
Napoleão
D. João
Professor
Aluno
Homem
Mulher
Deodoro
Bedel
Velhinho
Operário
Estudante
Alunos
Velho 1
Velho 2
Velho 3
Velho 4
Vozes
Coro

Sem a colaboração da Universidade, esta peça jamais poderia ser escrita.

VOZ

— Tudo era silêncio na imensa terra verde e imensa, debruçada no céu a convidar os homens à humanidade. Terra verde a prometer futuro. Tudo era silêncio.

Verdade que os rios cascalhavam um murmúrio eterno, os passarinhos pipilavam faceiros, as árvores gemiam sua imobilidade no ouvido dos ventos. Mas água cascalhando, passarinho pipilando e árvore gemendo não quebram silêncio em prólogo de peça imbuída de doce e nacional lirismo.

Portanto, tudo era silêncio.

Água. Ah! Enxurradas de água, despotismos de água, impérios de água a prometer um povo limpo, cheiroso e macio. Naquela época havia água. É incontestável. Inúmeros documentos provam a existência de água no Brasil. Imenso Brasil, gordo Brasil, sumarento Brasil a jurar um brasileiro salomônico, cristalino, carregado de abraços e sorrisos e calma e paixão e verdade. Um povo a semear verdade e riso.

Mas... eis que... Eis que... Oh! Eis que então... oh!... então, cá chegaram os portugueses. E então... Então começou o pega-pra-capar. Começou a nossa história do "salve-se quem puder". Começou a História do Brasil, que já foi história de todo o mundo, de tudo quanto é país grande, de tudo quanto é baronete, condessa, peralvilho, mandrião que se espalharam pelos séculos.

História que já foi de todos, de todos, menos do Brasil. Brasil seco, mirrado, de costela de fora, de pires na mão.

Do outro Brasil só ficou o silêncio. Árvore secou. Passarinho, a Casa da Banha vende e diz que é frango. Água, Lacerda escondeu. Fartura. Verdura. Fartura e verdura voaram. Vamos começar da época em que tudo era verde...

(Entram dois índios em cena)

— (*Entra com caça.*) Índio eu deu boa caçada.
— Índio eu não deu boa caçada.
— Índio eu dividir com índio você.
— Meio a meio. Boa! Boa! (*Dividem a caça. Mostra uma fruta.*) Índio eu achou fruta.
— Índio eu não achou fruta.
— Rachar! Rachar! (*Entram mais índios. Dividem potes, cachimbos, comida.*)
— Pacapá, pacapá.
Se tem muito papapá
Passa pá cá, passa pá cá.
Divide papá,
Divide comida,
Vida encomprida.
Tem papapá?
Passa pá cá, passa pá cá.

(Entram os portugueses. Cabral assopra a vela que Caminha segura. Um padre. Os índios recuam em círculos. Olham tudo.)

— Ó Cabral, tenho reparado, faz dois meses a caravela não avança mais.
— Não tenho deixado de perceber isso, ó Caminha. Mas, por muito que me ponha a matutar, não atino com a causa.
— (*Cheira*) Cá entre nós, há dois meses que não me vem às narinas aquele agradável odor de maresia.
— Sabes, ó escriba, cá entre nós, às vezes chego a desconfiar que já estamos em cima d'alguma terrinha.
— (*Entrega a vela ao padre.*) Vou ver isso. Agüente a mão um instante, reverendíssimo. (*Dá alguns passos. Olha.*) Pois, pois, mestre Cabral, não é que estamos mesmo em cima do Brasil?
— Pois, pois. Se cá estamos, ouso dizer que

é porque cá chegamos. Se assim é, ora bolas, está descoberto o Brasil!
(*Dançam o vira e cantam.*)

OS DOIS — Ai que rico — descobrimos o Brasil.
Ai que rico — uma terra d'além-mar.
Ai que rico — dia 21 de abril.
Ai que rico — uma terrinha pra explorar.

CORO — (*Dos índios.*) Foi seu Cabral,
Foi seu Cabral,
No dia 21 de abril,
Dois meses depois do Carnaval,
Começando a exploração nacional.

CAMINHA — (*Escrevendo, andando pelo palco*) Fremosa terra a nova terra, El-Rei. Muita coisa nos há de render, posto que é terra em que se plantando tudo dá e os nativos levam os cornos mais trouxas que meus olhos já tiveram oportunidade de ver. El-Rei, acredite: é mole! É mole, El-Rei! Como vão as hemorróidas, Alteza? Quero-lhe bem, queira-me bem. Se essa caravela não se desviar outra vez, aí estaremos para as bacanais setembrinas. Guardai-nos cortesãs, Alteza! Caprichai, El-Rei, que levamos novo alento às vossas burras. Um abração e um queijo. (*A Cabral.*) Vamos à vida, ó Cabral. (*Saem. O padre se ajoelha para rezar.*)

ÍNDIO 1 — (*Aponta flecha.*) Índio eu vai dar flechada no Coisa Preta.

ÍNDIO 2 — Coisa Preta garantir papá pra três luas.

PADRE — Abaxare flecham que apuntam ad me. Mi venito cumo amigorum do peitum. Abaxare flecham! Abaxare Flecham!

ÍNDIO 1 — Coisa Preta fala!

ÍNDIO 2 — Taca flecha nele!

PADRE — Venito cumo amigorum. Maneiraibus! Maneiraibus!

CORO — Chô, chô, Coisa Preta. Chô, chô! (*Os índios recuam. O padre sorrindo. O índio dá*

um berro e cai no chão. Silêncio.)

VOZES — Índio vai morrer! Índio está morre não morre. Foi Tupã! Tupã está zangado com Coisa Preta. Tupã castigou índio porque índio viu Coisa Preta. Vai morrer!

CORO — Índio melhor caçador,
Índio melhor caçador,
Tem dor,
Tem dor,
Índio vai morrer!
Vai diminuir o que comer.

PADRE — (*Avança entre os índios.*) Com licençorum. Com licençorum. (*Ajoelha-se ao lado do índio que estrebucha. Os índios choram. O padre tira um espinho do pé do índio.*) Essere somentem um espinhorum que entrou no pesorum delem. Está curadorum da silva. (*O índio põe-se de pé. Os índios riem. Batem palmas. Aos poucos ajoelham-se na direção do padre.*)

CORO — (*Ao padre.*) Tupã! Tu és Tupã! Tu és meu. Geraldina! Tupã! Tupã! Tupã! (*O padre sorri agradecido. O padre tira colares coloridos do bolso. Os índios, quando avistam os colares, pulam de satisfação. Estendem a mão para o padre.* Bugiganga. Bugiganga. Bugigangorum. Ih!, que legal, meu! Que legal! Bonito às pampas! Bugiganga!
(*Canta*)
Bugigangorum, bugigangorum.
Índio quer bugiganga.
Mesmo que continue de tanga.
Parece que será essa história do Brasil:
Cheio de bugiganga,
Sempre de tanga.
Cheio de bugiganga,
Sempre de tanga.
Me dá! Me dá! Me dá!

PADRE — Trabalharem, trabalharem enton. Trabalharem em coisa dignificante de homini e

enton ganharibus bugigangorum. Non essere mais selvagem, com vergonhorum de forae. Non mais brigare, andare de barrigorum no chão atrás de bichorum. Trabalhorum garantido. Trabalhorum civilizato. Estarem vendum aquelas arvóreas? Essere pau-brasil, pau-brasil dá dinheiro às pamporum. Cortar arvóreas! Cortar arvóreas! (*Vai tirando as flechas dos índios e jogando no chão. Dá colar em troca. Os índios fazem mímica. Em vez de cortar árvores, eles empurram a árvore. O padre ri muito*) Ah, ah, ah! Muito gozadorum. Non empurrre arvóraes. Essere mais mole cortar arvóraes. (*Dá um machadinho pra cada um. Tira tudo de dentro de um bolso enorme*).

ÍNDIOS — Legal! Legal! (*Trabalham, desordenados, segurando mal a machadinha, mas trabalham.*)

PADRE — (*Canta.*)
Glória a Deo,
Glória a Deo
Novas ovelhorum
Para vostro rebanhorum. (*O padre se dirige ao índio que trabalha mais certo.*) Tu trabalhou maisorum que os outros. Ganharibus mais colares. (*Dá mais colares para ele.*)

ÍNDIOS — Eu quero. Eu queria. Ei, seu pároco! Ei!

PADRE — Ganharibus mais só se trabalharibus mais.

ÍNDIOS — Quem está trabalhando é índio. Todo índio. Precisa pagar índio. Um pagamento só.

PADRE — Non senhoribus. Essa essere onda de comunistorum. Mi paga para quem trabalhorum maisorum. Cada um por si et Deo por todos...

(*Os índios voltam a trabalhar.*)

ÍNDIO 2 — Isso de cortar árvore encheu índio eu.

ÍNDIO 3 — Vamos caçar de novo.

ÍNDIO 4 — Coisa Preta diz que é feio caçar bicho. Ficar com a vergonha de fora. Coisa Preta não cura pé de quem anda com flecha. Coisa Preta não dá colar para quem anda com flecha. Coisa Preta diz que índio nunca vai passar fome no inverno.

ÍNDIO — O jeito é continuar cortando árvore. (*Trabalham outra vez. Entra um português com um saco de farinha e uma colher de pau.*)

PORTUGUÊS — (*Ao padre, que ficou no canto da cena.*) Sou dom Fulano de Tal da Silva e Silva e tome Silva e Silva. El-Rei, Dom Manuel, o Exploradoroso, houve por bem ceder-me estas terras. Sou o donatário!

PADRE — Benvenutorum, Excelência. Pode botar pra jambrar, Excelência. Os índios estão domesticados. Largaram a flecha. São todos fãs da Rádio Nacional... (*Os índios estão esfaltados. Param de trabalhar. Fazem fila para receber.*)

PORTUGUÊS — (*Ao primeiro.*) Dois troncos: uma colher de farinha. (*Ao outro.*) Quatro troncos: duas colheres de farinha.

ÍNDIO 1 — Oito troncos.

PORTUGUÊS — Muito bem! Muito bem! Quatro colheres de farinha.

ÍNDIO 1 — (*Pega o que ganhou.*) Rachar. Rachar. Rachar. (*Os outros índios pegam.*)

CORO — Pacapá, pacapá.
Tem muito papapá?
Divide o papá.
Divide o papá.

(*Voltam a trabalhar.*)

PORTUGUÊS — (*Marca o ritmo.*) Um-dois, um-dois, um-dois...

PADRE — (*Reza mais rápido.*) Glória a Deo. Glória a Deo.

(*Novamente a fila se forma.*)

PORTUGUÊS — Dois troncos. Meia colher de farinha.

ÍNDIO 2 — Uma colher! Uma colher!

PORTUGUÊS — Meia colher. O preço do transporte aumentou. (*Ao outro*) Quatro troncos: uma colher de farinha.

ÍNDIO 1 — Oito troncos.

PORTUGUÊS — Duas colheres de farinha.

ÍNDIO 1 — Que duas? Quatro!

PORTUGUÊS — Duas e olhe lá.

ÍNDIOS — Rachar. Rachar.

ÍNDIO 1 — Índio eu não rachar! Não chegar nem para índio eu. Não rachar!

ÍNDIOS — Rachar! Rachar!

ÍNDIO 1 — Rachar, uma banana! Como disse Sagrada Coisa Preta. (*Aponta o padre.*) Cada um por si e Deus só na arquibancada.

ÍNDIO 1 — Mas, que rachar? Rachar era no tempo em que a gente era selvagem.

ÍNDIOS — Vamos morrer de fome!

ÍNDIO 1 — Também estou passando mal. Ainda nem comprei a última bugiganga lançada pelos portuga. Tenho que cuidar das crianças.

ÍNDIOS — Não vamos mais cortar árvores! Vamos caçar outra vez! Vamos caçar outra vez! (*Vão indo. Índio 1 fica cortando árvore. Português dá presentes ao índio 1.*)

PORTUGUÊS — Façam como ele (*Aponta índio 1.*) Tem as melhores bugigangas do país. Porque sabe trabalhar. Obedece à marcação. Vão se danar, ó, nativos! Vão se danar! Não tem mais caça. Água acabou. Nós derrubamos muitas árvores, ó bocós de mola! Acabou árvore, acabou água, acabou bicho. Vão se danar, ó, nudistas! É melhor trabalhar comigo, ó, precursores dos nordestinos! (*Índio 1 fica trabalhando. O padre e o donatário, que não participam dessa próxima cena, vão para um canto.*)

ÍNDIO 2 — (*Depois de procurar.*) Terminou a caça!

ÍNDIO 3 — Terminou água. Bicho foi embora.

ÍNDIO 2 — Terminou água. Tupã levou água embora.

ÍNDIO 3 — Mais forte que Tupã é o Deus da Coisa Preta!

ÍNDIO 2 — Coisa Preta sabe muita coisa!

ÍNDIO 3 — Marca a gente bater uma caixinha com ele (*Ao padre, que se adianta. Rodeiam o padre.*)

ÍNDIOS — Água acabou! Água acabou! Índio vai morrer! Índio vai morrer! Temos mais fome ainda. E o inverno não chegou. Vai tudo de mal a pior, ó, pároco. Índio vai morrer! Índio vai morrer!

PADRE — Non, non, amigorum. Non dizere semelhantibus barbaridorum. Me cortarem coraçon. Non. Precisare trabalharem melhore. Voltar a trabalharem.

ÍNDIOS — Não. Cortar árvores, não! Tupã castiga! Tupã castigou!

PADRE — Tupanzorum? Mas quem essere Tupanzorum perto de Deo? Essere pinto! Essere pinto! Deo criato terra et céu et água et árvore et etecetrorum. Mas Deo que ver homini no batentorum. Aí, enton, Deo ajudar homini. Vocês cortarem arvóreas muito mal. Sem pacienciorum. Nom podere! Precisarem aprendêr a trabalharem. (*Mostra o Índio 1 que continua a trabalhar.*) Ele sabe trabalhar. Trabalha para portuguesorum. Essere o precursor do Eugênio Gudim e do Gustavo Corção. Ele tem mais farinha... (*Pega um livro.*) Vênite. Aprendere. Aprendere. Aprendere. Conhecere. Conhecere a voz de Deo. Aprendere pacienciae. Aprendere fé. Aprendere esperança. Aprendere a essere obediente, respeitoso e simpaticorum. Venito! (*Reúne os índios. Resmunga.*) Deus dividiu os homens em dois tipos: os brasileiros e os inteligentes. Brasileiro trabalha, inteligente comanda...

CORO — (*Depois de um tempo.*) Rosa, rosae, rosam, rosa, rosa. Rosa, rosae, rosam, rosa, rosa, rosa. Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa...

(*Cantam*) Glória a Deo.
Glória a Deo.
Mais ovelhorum.
Para vostro rebanhorum.

PADRE — (*Sorrindo*) Idebus para o batentorum. Idebus! (*Os índios voltam para o trabalho. Estão cansados. Um cai. Um foge.*)

ÍNDIO 2 — Não dá pé. Não dá pé. (*O donatário dá um chicote para o índio 1.*)

ÍNDIO 1 — Trabalhar, índio bobo. Trabalhar!

ÍNDIOS — Não bater! Índio irmão! Não bater! (*Índio 1 bate, bate. Os índios caem.*)

PORTUGUÊS — Não servem pra nada. Não servem para nada.

PADRE — Trabalharem, filhororum meus. Glória a Deo. Glória a Deo.

ÍNDIOS — Glória, glória. Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa... Rosa... (*Um índio.*) Fome, fome, fome...

ÍNDIOS — (*Caem no chão.*) Fome, fomei, fome...

PADRE — Rosa, rosae, rosa...

ÍNDIOS — Fome, fomei, fome... (*Silêncio. O índio 1 continua a dar chicotadas. Desiste.*)

PORTUGUÊS — Como é, ô Augusto Frederico Schimidt de tanga, seus amigos não trabalham?

ÍNDIO 1 — Não dá pé, Excelência. Índio não é gente. Índio é fogo. Perdoai-os, senhor, eles estão Por fora da civilização. (*Dá chicotadas e os índios começam a sair.*)

CORO — (*Saindo aos poucos.*) Se o Brasil assim começa,
Começa mal, seu Cabral.
Vai acabar tendo Lacerda,
Vai acabar dando Lacerda,
Se o Brasil começa nessa...
Nessa desorganização.

PORTUGUÊS — Não dá pé! Não dá pé! Esse negócio de catequisar índios termina assim. Bondade dá nisso. Gastamos um dinheirão, eles pouco produzem, a Inglaterra a nos comer as vesículas.

O melhor é usar gente acostumada a ter o cangote abaixado. O melhor é usar negro, que negro não é gente, desde que Deus os pintou de preto para facilitar a distinção. Que venham os pretos! (*Entram os pretos embromando um ponto de macumba triste.*)

CORO — Iunga, iunga, inga, jê.
Iunga, gê, iê, iê.
Essa vida é pra sofrer!
Trabalhando pra senhor,
Se sobrou alguma coisa,
Só sobrou a nossa dor.
Iunga, iunga, iunga, jê.
Iunga, gê, iê, iô.

(*O donatário aponta o local onde os índios começaram a derrubar árvores. Os negros vão e empurram.*)

ÍNDIO 1 — (*Rindo*) Ah, ah, ah! Muito gozadorum. Muito gozadorum. Non empurrare arvóreas. Essere mais mole cortarem arvóreas. (*Ri*) Selvagens! Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa. (*Marca o ritmo do trabalho. Dá chicotadas.*)

NEGROS — (*Cantam trabalhando.*)
Ô, ô, ô,
Longe de nossa terra.
Ô, ô, ô,
Longe de nossa vida.
Ô, ô, ô,
Razão de viver perdida.
Ô, ô, ô,
Ogum a nossa dor.
Ô, ô, ô,
Vivendo a vida do senhor.

PORTUGUÊS — Mais depressa! Mais depressa! Time is money! Inglês é fogo. Não brinca em serviço. Estão a nos arrancar até os bigodes! (*O índio*

1 chicoteia mais depressa e aumenta o ritmo.)

ÍNDIO 1 — Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa...

NEGROS — Ô, ô, ô,
A nossa infelicidade
Ô, ô, ô,
Viemos ensinar saudade
Ô, ô, ô,
Viemos aprender canseira...

ÍNDIO 1 — (*Aumenta o ritmo.*) Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa.

NEGROS — Cháu! (*Saem*)

(*Entra um coro. Descreve a luta de D. João VI e Napoleão, que também entram no palco. Napoleão corre atrás de Dom João VI.*)

CORO — Lá em cima a correr vem D. João VI.
Cá em baixo a perseguir vem Napoleão. (Bis)
Juntaram-se os dois para lutar,
Foi um pega pra capar,
D. João VI se mandou.
Correu tanto D. João VI,
Correu tanto que só aqui parou. (Bis)
E para alegrar a sua vida,
Tanto coisa cá criou
E mais coisa nos levou.
Criou escolas, abriu portos, ora bolas,
E até a faculdade pros fidalgos inventou.

NAPOLEÃO — Que vouz pensez, gordinho? Je te cotuque! Je te cotuque! (*Sai*)

D. JOÃO — Ai! que tenho as nádegas em fogo de tanto correr! Pois, pois, já que temos de ficar nesta colônia, que se abram os portos, que se criem escolas e alfaiatarias e casas de pasto e, basta de aporrinhação! Que venham mulatas, os frangos, e o meu rico dinheirinho! (*Saindo. O coro sai atrás dele. Menos quatro que ficam.*)

CORO — Seu João, ó, Seu João!
Depois da tua vinda

Aumentou a esculhambação.
E para ficar na História,
Cobrir teu nome de glória,
Caprichaste na exploração.

CORO — (*Os que ficaram são os candidatos a vestibular.*)
Finalmente, finalmente!
O primeiro vestibular.
Felizmente, felizmente!
Não vão mais nos explorar.
Vamos estudar,
Vamos estudar,
Nos libertar.

PROFESSOR — (*Entrando*) Todos se saíram muito bem! As letras gordinhas, desenhadas a capricho, as provas muito bem perfumadas. Todos se saíram muito bem. Em sendo assim, será na prova de títulos que decidiremos o concurso. Por favor, queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Cidadão português.

PROFESSOR — Pronto! Passou! Passou, meu filho. Já está dentro.
Sem choro nem vela. Não tem arreglo. Sem apelação. Vem de lá com um abraço! (*Abraçam-se.*)

CORO — Chegando a indecência,
Virá a nossa vez.
Vai acabar a independência
De só passar português.

(*Aluno e professor continuam abraçados. Entra um cara com uniforme de gala, bigodes, um penico na mão. Entra um outro. Entrega-lhe uma carta. Ele lê sentado no penico. Furioso.*)

HOMEM — Independência ou morte! Papel!...

PROFESSOR — Patati, patatá, a independência foi proclamada, patati, patatá, os cambau, patati, mãe, patatá, patatá. Sendo assim, será na prova de títulos que decidiremos o concurso. Por

favor, queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Barão de Caçapava! Barão de Caçapava!

PROFESSOR — Pronto. Passou, meu filho. Já está dentro. Embarcou direto. Ninguém rasga. Tu és meu, Caçapava! Vem meu Barão. Vem de abraço. Entra. Entra Caçapava. Vem de lá Barãozinho!

(*Abraçam-se.*)

CORO — Se a República chegar,
Vai acabar a sopa do nobre,
E na hora de estudar
Vai chegar a vez do pobre.

(*Entra um outro cara bigodudo de uniforme. Uma mulher vem até a entrada do palco.*)

MULHER — Não vais hoje à tertúlia?

DEODORO — Que é, Virgília?

MULHER — Não vais hoje à tertúlia?

DEODORO — Não.

MULHER — Não vais ao sarau?

DEODORO — Não.

MULHER — Ó, Deodoro! Aonde vais, então?

DEODORO — Vou proclamar a República.

MULHER — O que é isso, Deodoro?

DEODORO — E lá sei eu?... (*Sai correndo. Lá dentro grita.*) Viva a República!

CORO — (*De dentro. Chocho.*) Tá! Tá legal! Agora é República. Tá! Tá legal!

PROFESSOR — Patati, patatá, a República foi proclamada, patatá, tatá. Queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Filho do dono da fazenda Santa Parideira do Riacho da Mãe Descabelada, trinta mil alqueires!

PROFESSOR — Pronto! Passou, meu filho. Já está dentro. Vem de lá, meu latifundiariozinho! Ninguém rasga, não. Embarcou!

CORO — Quando a máquina chegar

E o progresso precisar,
Não de anel de lata,
Não de título pra pendurar,
Mas de cabeça pra pensar,
Vai acabar a mamata
Do filho do fazendeiro.
Vai acabar por inteiro
Diploma por dinheiro.
O Brasil vai pensar!
O Brasil vai pensar!
E se abrirá a faculdade.
Para toda a humanidade,
Para o Brasil e sua felicidade!

PROFESSOR — Agora, meus filhos, todos podem estudar! Todos podem entrar para a faculdade. É o progresso! A máquina! Especialistas! Todos podem fazer vestibular. Todos! Todos que tiverem diploma de curso secundário... Queiram apresentar seus diplomas.

ALUNO — Bacharel em Ciências e Letras e Desportos Miúdos pelo Ginásio Anglo-Franco-Portuga-Americano. (*À platéia.*) Dez mil pratas por mês. Fora o lanchinho...

PROFESSOR — Passou. Ninguém rasga. Vem de lá, meu bacharelete! Vem de lá! (*Sai abraçado com ele.*)

CORO — Então se abriu a faculdade
Para toda a humanidade,
Para o Brasil e sua infelicidade!
(*O coro assume outra posição.*)
E então a gente viu
Pela peça até agora
Que aqui no Brasil
Fica sempre de fora,
Nessa coisa estudantil
De entrar para a faculdade,
Uma parte ponderável
De nossa mocidade. Salve! Salve!
Quem é analfabeto (CORO) 57%, 57%, 57%,
Não vai pra faculdade.

Quem não fez ginasial (CORO) 67%, 67%, 67%,
Não vai pra faculdade.
Quem não fez científico (CORO) 71%, 71%, 71%,
Não vai pra faculdade.
Quem não tem dinheiro ou vira beatnik,
Não vai pra faculdade.
Deu: 99%, 99%, 99%.
Logo, entra na faculdade
Um por cento do povo brasileiro!
Viva o um por cento!
Viva o um por cento!
Do povo do Brasil!
E o resto... e o resto... e o resto...
Vai ficar sem estudar...

(*Entra um bedel com bancos. Os alunos se sentam. O bedel vem com um violento sino.*)

BEDEL — Vai começar a aula. Vai começar a aula. Dentro de cinco minutos. (*O professor está sendo retirado do sarcófago.*) Vai começar a aula. Vai começar a aula. Vai começar. Cinco minutos. (*Ao público*) Terminada a fase negra do ensino no Brasil, entramos numa ainda mais negra do ensino no Brasil.. (*Vai saindo.*) Olha a aula! Não precisa aprender, basta comparecer. Olha a aula!

(*Sai um velhinho, o professor, do sarcófago.*)

CORO — Venha conhecer a Universidade,
Aqui se ensina infelicidade,
Aqui se aprende a maldade,
Aqui termina a humanidade.

VELHINHO — (*Todos param. Como se desse aula.*) A diferença entre suicídio e homicídio é uma questão de pontaria!...

CORO — Venha conhecer onde se ensina.

Aqui começa nossa triste sina.
A vida passando, a gente na esquina.
Não sei mais o que rima com ina!

VELHINHO — (*Tudo pára de novo.*) Quais são as causas da Segunda Guerra Mundial? Ora, não houve causas! Os japoneses atacaram de surpresa. Como é que se pode saber as causas? Foi de surpresa!...

CORO — Aqui entram os mais inteligentes,
Que daqui saem tudo, menos gente.
Não há povo no mundo que agüente
Viver sua história como indigente!

VELHINHO — A coisa mais importante da medicina é o consultório!...

(*Retorna ao sarcófago. Aluno se aproxima do bedel.*)

ALUNO — E médico?
BEDEL — Duzentos contos!
ALUNO — Duzentos contos? E engenheiro?
BEDEL — 150 contos!
ALUNO — Chi! Advogado?
BEDEL — Cem!
ALUNO — É... Não dá. Me arranja um diploma de farmacêutico mesmo!...

CORO — Ah, ah, ah, ah!
A Universidade,
Que debilidade!
Ah, ah, ah, ah, ah!

(*Os alunos sentam. Entra um professor, que fica estático, pronto para dar a primeira aula.*)

BEDEL — (*Passa na frente da cena, badalando.*)
Ciências Sociais.
Ciências Sociais.
O homem é a sociedade.
Sociedade é o homem que faz.
É preciso estudar felicidade.

PROFESSOR — Em nossa última aula vimos e fizemos um exaustivo estudo da família, célula máter da sociedade, sobre a qual repousa toda a ordem constituída. Alguns sociólogos de vanguarda admitem que as características da família não são única e exclusivamente aquelas que por natureza divina ela possui. Dizem, os que pensam, que ela sofre, e não raras vezes, influências do meio e da sociedade que ela própria constitui. Ora, já vemos, portanto, de início uma contradição: se ela é de fato a célula máter da sociedade, como pode ser influenciada por esta? Ah! Sem sermos tão radicais como esses sociólogos, diremos, entretanto, que existem fatores que influenciam a família. Isto afirmamos, não levianamente, porém, após anos e anos de pesquisa social que nos conferem relativa autoridade para abordarmos este assunto. Sofre influência a família, por exemplo, pelos meios de divulgação, como a televisão, rádio e a imprensa. Neste último particular julgamos de incalculável importância uma clara diferença numa das formas de imprensa: trata-se dos jornais, aos quais cumpre distinguir em dois tipos: os matutinos e os vespertinos. Por matutinos entendemos jornais que saem e devem ser lidos pela manhã. Por vespertinos entendemos os que saem e devem ser lidos à tarde. Os senhores talvez estejam inquietos por saber qual o significado desse "devem", que eu mencionei no período anterior, ao dizer que os periódicos tais e tais *devem* ser lidos a tais e tais horas. Coloquei esse *devem* unicamente por rigor científico. Em verdade, nem sempre são os matutinos lidos pela manhã ou os vespertinos à tarde. Há quem os leia à tarde e à noite, respectivamente.

ALUNO — (*Com ar apalermado.*) Professor? Qual o papel das edições extras?

PROFESSOR — Embora isto não conste da matéria, não me furtarei à resposta. As Edições-Extras apresentam uma característica muito importante: tratam-se de jornais que trazem notícias de grande relevância, e, conseqüentemente, produzem sobre as famílias que os lêem um impacto de conseqüências imprevisíveis... Satisfeita a justa curiosidade do meu discípulo, complementarei esses esclarecimentos, dizendo a quem se dirigem os jornais: a apenas uma classe social: a dos alfabetizados. Talvez os senhores, nestes três anos de sociologia, não tenham ainda tido contacto com o conceito de classe social. Sem querer me aprofundar num problema que pouca magnitude apresenta para a sociologia, direi que classe social é um estado de espírito. Donde se conclui que se impõe cada vez mais uma atividade espiritual junto às camadas inferiores, a fim de fazer com que o operário, através de um processo psicológico de soerguimento de sua consciência, se transforme em homem da classe média e assim sucessivamente até atingir a perene felicidade da alma. Por hoje é só!

(*Termina a aula. Escurece. O professor continua estático. Alunos também. Estudante vem para a frente. Entram operários e mulheres com filhos no colo.*)

OPERÁRIO ESTUDANTE — Aumento! Aumento! Aumento!
— (*Faz um sinal. Param os gritos.*) Eu sei que vocês precisam de aumento de salário. Mas vocês, logo que ganham um pouco de dinheiro a mais, que é que fazem? Em vez de comprar uma casa com jardim e quintal para a criançada brincar, ficam morando em barraco, jogam tudo no bicho. Barraco deprime. Dá a impressão que a vida não se lembra da gente. Em vez de cuidar da alimentação: um

jantarzinho com um bom bife, uma salada de rabanete, um ovinho à la ostra, gastam tudo em cachaça, em amuleto e vela pra acender pra São Jorge. Não pode! Não pode! Vocês precisam mudar o estado de espírito de vocês. Brigam o tempo todo, não trabalham direito, esbanjam dinheiro, vivem doentes. Desistem de viver. Vocês não são pobres, não! Vocês são desorganizados. Precisam um pouco de ginástica. Um dois, um dois, um dois... Olhar a vida cantando: A vida é bela! A vida é bela! Olhar a vida cantando: "A vida é bela, ó, Maria..." Sorrisos! Confiança!

OPERÁRIO — Vai aumentar o salário ou não, ó, papagaio?

ESTUDANTE — Não é possível o aumento. Compreendam. O custo de produção subiu muito. (*Os operários caem em cima dele.*)

OPERÁRIO — Salada de rabanete, não é, Glostora? Casa com quintal e jardim? Que tal se a gente põe uma piscininha? Pega bem? Sorria! Sorria! A vida é bela, ó, Maria... (*Saem. O Estudante fica caído.*)

ESTUDANTE — Já deu pra descobrir que Ciência Social
Não é a mesma coisa que Dia de Natal.
Faculdade forma cientista, diz o bedel.
É mentira. Forma, no duro, Papai Noel.
que termina mal.

(*Volta para a sala de aula. Enquanto isso, passa o Bedel.*)

BEDEL — Arquitetura. Arquitetura.
Todo homem precisa de um teto.
Se existe alguém na apertura,
Vivendo onde ninguém atura,
Algo há que não está correto.

PROFESSOR — (*Na primeira gravura vê-se uma coluna jônica.*) Nos três últimos anos fizemos um estudo até certo ponto aprofundado da coluna jônica. Pena que o curso só tenha cinco anos.

Para absorver o significado íntimo desta coluna é preciso uma vida, uma eternidade. Às vezes chego a pensar: a humanidade existe para conter a coluna jônica. Sei que é frescura... mas, que posso fazer? Vamos agora aos detalhes desta maravilha! (Vira a gravura. Capitel da coluna jônica.) Temos visto na cadeira de Colunística Analítica e Compenetrada a importância do estudo minucioso dos capitéis. Uma coluna sem capitel é como um casal de amantes sem cama. Vamos, nos dois anos que nos restam, surpreender os aspectos, os aspectos mais sutis da referida parte da magna coluna. Vejamos este, por exemplo... (*Vira a gravura. Uma fotografia de favela. Os alunos murmuram. O professor fica estupefato.*)

ALUNOS — Que é isso, professor? É arquitetura? É casa de pombo? É tiro ao alvo? É quebra-cabeça? É Picasso?

PROFESSOR — Isso é tanto objeto de arquitetura quanto um cachorro sarnento o seria de medicina. Bem, satisfaçamos a curiosidade juvenil. Trata-se de uma favela, habitação popular que não sofre a mínima interferência de arquitetos, adquirindo assim esse aspecto rude e desagradável. Isso está fora de nossa profissão, porque, tanto as casas como a disposição delas, é planejada, é realizada unicamente pelos habitantes do morro. Mais comumente conhecidos como favelados. Como vêem, eles mesmos dão conta do recado. Logo, não vale a pena perdermos tempo com isso. Voltemos ao nosso capitel jônico! (*Vira a gravura. Detalhe mínimo da coluna. Entra o Bedel.*)

BEDEL — História. História.
Vida e amargura do homem.
Onde sempre muitos trabalham
E tão poucos,
Tão pouquitos, comem!

PROFESSOR — Às oito e dezessete da manhã de seis de

setembro, D. Pedro acordou. Botou sua cueca verde. Há controvérsias a esse respeito. Muitos dizem que ele colocou sua cueca azul. Muitos chegam a afirmar que D. Pedro não usava cueca. Prefiro a cueca verde, seguindo a linha adotada pelos historiadores mineiros, pernambucanos e brasileiros em geral. Tomou chá com limão. Chá de erva de bicho. Chá de erva de bicho! Anotem bem esse ponto! Sem chá de erva de bicho, D. Pedro proclamaria a independência? Somos independentes por causa do chá de erva de bicho? Pena que D. Pedro não nos possa responder... De minha parte, prefiro uma posição moderna: talvez sim, talvez não. Às nove e dezessete, D. Pedro deu o seu primeiro arroto. José Bonifácio teria declarado ao ouvir o arroto: "Ih! aí vem coisa". Repito: "Ih!, aí vem coisa". Perdão: "Ih! Temos coisa". Isso! Não se sabe se ele se referia a um furúnculo que lhe estalava nas nádegas ou se comentava a situação política brasileira. De qualquer maneira, podemos afirmar que a causa principal da declaração da independência do Brasil é o fato notório de que o Brasil não era independente. Boa tarde! (*Os estudantes ficam. De novo passa o Bedel.*)

BEDEL — Direito. Direito.
Premiar o bom,
Punir o mau.
Só que é o mau que faz lei.
Só que é o mau que é rei.
O bom que se vire! Terminei!

PROFESSOR — A Introdução à Ciência do Direito é a ciência que estuda tudo aquilo que é introduzível ao Direito. Não, não é bem isto... Pera aí... Deixa eu ver... É sim... Porcaria, agora eu não sei ao certo. Direito. Bem... É essa bagunça que tem por aí... Como se pode definir... Sim, agora me lembro! É a ciência... Ora, que joça,

não é que eu me esqueci de novo? Puxa, que azar! Também, com uma turma como essa de vocês, não dá pé. Ah! Lembrei. Direito é o que dá pé!

(*Ficam estáticos. Passa o Bedel.*)

BEDEL — Economia. Economia.
Faculdade da mais-valia,
Onde o aluno aprende
Que João & Companhia
Nunca, nunca entram em fria.

PROFESSOR — Nosso assunto é o homem. Nós estudamos Economia. É a ciência que organiza o homem em seu contato mais prático com o homem. O homem tem que lucrar. Não importa sobre o que, nem sobre quem. Lucro! Lucro, meu chapa! Podem dizer que o lucro é desumano, que lucrar é um verbo sem lógica nem entranhas. Mas o negócio é que o homem, do jeito que está, tem de lucrar! Lucrar! Por isso, te vira, velho! Te vira! Sai por aí no meio da rua que nem um possesso e inventa, cria, bola, castiga o meio mais eficiente de lucrar! Te vira! Boah. (*Ficam novamente estáticos. Passa o Bedel.*)

BEDEL — Filosofia. Filosofia.
Preocupada com o sexo dos anjos.
Em encontrar onde está a alma humana.
Filosofia. Filosofia.
A razão é tudo ou é um arranjo?
Filosofia. Filosofia.
A polícia está botando operário em cana.
Muita criança morre antes de ser marmanjo.
E você, Filosofia, que nos diz?
Diz: que se danem!

PROFESSOR — O problema que hoje vamos discutir é de uma importância transcendental, meus amigos. Trata-se da existência do não-homem ou da não existência do homem; seria mais próprio

dizer da existência do não-ser ou da não existência do ser, ou melhor da existência do nada, existência esta que se dá em termos absolutos, excluindo por completo aquilo que certos filósofos chamam de real. Meus amigos. (*Pausa*) Trata-se de provar que o real, como assim o chamam, não existe e que só o irreal é verdadeiro. Em outros termos, diríamos que o que os outros chamam de real nós dizemos ser irreal e o que chamam eles de irreal, consideramos nós como real. Mais claramente: o ser deles é o nosso nada e o nada deles é o nosso ser. Fácil será estabelecer a dificuldade em definir o ser. Começaríamos definindo o ser como aquele que é... Logo depararíamos com um flagrante ferimento à lógica formal fazendo aparecer na definição de "ser" o elemento é, já contido portanto no conceito que pretendemos definir. Se formos para o plano que certos filósofos chamam concreto, mas que, cá pra nós, nós consideramos abstrato, veremos o quão impossível se torna a definição do ser. Vejamos um exemplo: onde viram, os senhores, o triângulo e o miríagono? E o poliedro? E o ângulo? E o losango? (*Num crescendo*) E o diedro? E a sinfonia? E a guerra? E a pátria? E o latido? Au, au, au. A luz? A beleza? A virtude, a fome? O charme? Ah! O charme! E a marinha? E a religião? Quem de vós viu ou pegou a religião? Quem de vós viu ou pegou a religião? Ou qualquer dos elementos antes propostos? Pergunto-vos, finalmente, quem de vós viu o ser? Quem de vós? Quem de vós? (*Arrota. Silêncio total. Professor — a um aluno:*) O senhor, que é que está pensando agora?

ALUNO — Nada, professor.

PROFESSOR — Está aí! Está aí! Ele não está pensando nada, logo, ele não existe, pois Descartes disse: — penso, logo existo. E assim, eu chego à

conclusão, dramática, não posso esconder, que nosso querido amiguinho aí sentado não existe! (*Aluno urra.*) E assim, meus não-discípulos, que vocês não existem! E porque não dizer, eu, eu, pasmem! não existo (*Solta um urro.*) Eu sou o nada! (*Gritando*) Eu sou o nada. Esta aula não existe! (*Solta vários urros e repete várias vezes.*) Essa aula não existe! Vocês não existem! Eu sou um não-professor. Vocês são uns merdas!

ALUNOS — (*Enquanto isso os alunos gritam, urram, latem.*) Belzebu. Belzebu, vai comer angu!

ALUNO 1 — Galia est divisa in partes tres.

ALUNO 2 — O não objeto é a objetivação do subjetivismo não conceituável! (*Ri e chora.*)

ALUNO 3 — Ela se move! Eu sei. Se move!

ALUNO 4 — Quem?

ALUNO 3 — Minha mão! Se move!

ESTUDANTE — Estamos todos em forma
Pela reforma que não virá.
O reitor nos informa
"Como reforma?
Se Universidade não há?"

(*Entra o coro de alunos.*)

CORO — Cátedras do Brasil, parasitas da nação! Que bela lição!

ESTUDANTE — A Universidade é uma quimera, uma balela. Um conto de fada, uma conversa fiada.

CORO — O colega pode crer, o colega há de saber.

ESTUDANTE — Que é cabide de emprego, um lugar de sossego.
Onde a professorada que não sabe o que diz,
Fica boba e intrigada com o progresso do país.

CORO — Cabide de emprego, lugar de sossego.
O colega já morou
Essa cambada não é de nada!
O que sabe, decorou!

ESTUDANTE — Quem já viu burro pastar?

Quem já viu burro voar?
Se tiver necessidade
De ver burro ensinando,
Se tiver curiosidade
Deve ser burro educando,
Pode ir logo se matriculando
Na nossa Universidade.

CORO — O colega já morou.
Bem melhor, bem mais louvável.
Bem melhor, bem mais saudável.
É uma academia de judô.
cabide de emprego, lugar de sossego.

ESTUDANTE — Professor sem concurso, não pode dar curso,
Só sabe discurso.
Se sente ansiedade, o mestre não hesita
Em vomitar besteira
E dar lição de asneira.
Não numa cocheira
Mas na nossa faculdade.

CORO — A Universidade é como uma casinha fedorenta
E o professor quando não mais se agüenta
Vai para a faculdade fazer necessidade
Logo em cima da cabeça da nossa mocidade.
Cabide de emprego, lugar de sossego!

ESTUDANTE — A juventude aturdida,
Que não entende a lição,
Exclama surpreendida:
"Deus do céu! Que erudição!"
Mas o douto catedrático
Explica de um modo didático
"Meus queridos, é preciso,
Vós sois o receptáculo do saber."

CORO — Colegas, estudar é um privilégio
Dos que foram para o colégio
À custa do papai e da mamãe.
Colegas, nenhum de nós é operário,
Nenhum de nós camponês.
Estudamos dos salários
Dos filhos dos operários

Dos filhos dos camponeses.
Colegas.
Cabide de emprego, lugar de sossego!

ESTUDANTE — Pra quem nunca soube, pra quem nunca ouviu,
Deixa que eu conto como é que surgiu
A Universidade no Brasil. (*A fala seguinte não é cantada, mas há um fundo musical.*)
Um dia, um turista mal-informado perguntou para um sujeito metido a engraçado: por favor, cavalheiro, aquele prédio ali é a Universidade? O sujeito acanhado de não saber responder, resolveu dizer: imagino que seja, imagino que seja. Chegando em casa, o sujeito falou: encontrei um turista, e a mulher perguntou: onde encontrou? De brincadeira o sujeito falou: imagina onde? A mulher parou, imaginou e disse, com mordacidade: vai ver que foi na Universidade!

CORO — A Universidade é um fruto da imaginação
Dos grandes vultos do nosso passado.
Nasceu da visão, da previsão, da ambição
De todos que vivem, dos que são enganados.
E como ninguém se insurgiu contra o que ninguém nunca viu,
A empulhação foi crescendo,
A mistificação foi vencendo
E, de casa em casa, batendo,
De boca em boca correndo,
A balela tanta engrossou.
O país tanto se encantou,
Com o que todo mundo sonhou,
Que a nação dormiu, dormiu, dormiu!
E até hoje ninguém descobriu
Que nunca houve Universidade no Brasil!

(*Coro com Bedel à frente. Saem badalando.*)

ESTUDANTE — O que eu vi os olhos me abriu.
A Universidade há muito tempo existe

Mas nunca se lembrou do Brasil.
Vou contar, vou falar, vou denunciar:
A alienação precisa acabar.
(*Saem. Entra de novo o Bedel, com um cartaz*:: "Hoje — Reunião da Egrégia Congregação")

BEDEL — A Congregação vai se reunir,
Não é permitido rir,
Não é permitido gozar,
Muito melhor é chorar.

(*Entram quatro velhinhos. Um, caindo aos pedaços, senta-se na cadeira e dorme.*)

VELHINHOS — Reunião da Congregação.
Aqui nós forjamos a Nação.
Se saiu essa esculhambação
É por que aluno não presta atenção.
Ou será que não?

VELHO 1 — Está aberta a reunião.

VELHO 2 — Vamos cantar o nosso hino.

CORO — Da faculdade não saio,
Daqui ninguém me tira.
E o dia em que eu encapotar,
É o meu filho,
É o meu filho,
Que virá pro meu lugar!

VELHO 1 — Primeiro ponto da reunião: o professor Danton Nobre, assistente da cadeira de filosofia, deu duas aulas, além das previstas, sobre marxismo e existencialismo.

VELHO 2 — Que se suspenda o contrato!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — O contrato será suspenso. Segundo ponto: um pedido do Diretório de Estudantes...

VELHO 2 — (*Interrompendo*) Estudantes? Estudantes?... Ah! Estudantes. Claro!

VELHO 1 — Pedem uma mudança no horário de aulas para que os alunos tenham tempo para fazer

um movimento de alfabetização.

VELHO 2 — Absurdo! O horário é intocável. É a alma da disciplina. Absurdo!

VELHO 4 — (*Acorda*) Como é?

VELHO 2 — Absurdo!

VELHO 4 — Surdo é a sua mãe! (*Dorme*)

VELHO 2 — Os alunos estudam, não alfabetizam. Para alfabetização existem escolas por aí. Só não se alfabetiza quem não quer...

VELHO 1 — A resposta ao diretório será não!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Uma comissão de professores recém-admitidos em nossa casa pede verbas para bolsas de estudo e para aumentar as instalações da faculdade a fim de receber alunos novos.

VELHO 2 — Voto contra. As verbas já têm destino. Precisamos instalar ar refrigerado nas salas de reunião, precisamos aumentar nossos salários, a escada perdeu seu friso doirado, o mármore da entrada de nossa casa se estragou todo. Não é possível!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Sábias e prudentes palavras.

(*O Estudante entra de chofre. Atrás o Bedel o segura.*)

BEDEL — Ninguém pode entrar na reunião da Congregação! Ninguém!

ESTUDANTE — Mas eu tenho coisas importantes para dizer!

BEDEL — Não pode!

VELHO 1 — Silêncio!

BEDEL — Perdão, Excelência. É este estudante...

VELHO 1 — Ponha-se daqui para fora, jovem!

ESTUDANTE — É preciso que me ouçam. Escutem!

VELHO 1 — Queira se retirar. A disciplina de nossa casa..

ESTUDANTE — Não é tempo de pensar em disciplina. Há coisas muito mais importantes que a disci-

plina. Há a vida. É sobre a faculdade. É pra mudar tudo. Vim ajudar. Me escutem!

VELHO 4 — (*Acorda*) Quer parar com esse berreiro que eu quero dormir, omessa!

ESTUDANTE — (*Bedel o segura.*) Me larga!

BEDEL — Não!

VELHO 1 — Ponha-se daqui para fora!

ESTUDANTE — É preciso mudar tudo, professor. As coisas que se ensinam aqui nós não usamos, ou não são verdadeiras, ou são mentidas ou são esquecidas ou são roubadas! Nós saímos daqui jovens e ficamos velhos em duas semanas numa monotonia de estupidez que ninguém agüenta!

VELHO 1 — Largue essa criança!

BEDEL — Mas professor!

VELHO 1 — Largue essa criança! (*Bedel larga.*) Mudar a faculdade, jovem? Mudar esta casa que entregou ao Brasil seus maiores vultos, que deu a esta terra sua paciência e seu amor? Mudar esta faculdade que acolheu Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Olavo Bilac, Epitácio Pessoa, Washington Luiz, Rodrigues Alves, D'Artagnan?

VELHO 2 — D'Artagnan, não, Excelência.

VELHO 1 — D'Artagnan, não. Washington Luiz, Duque de Caxias, Osório Duque Estrada, Vicente Ramos...

VELHO 2 — Vicente Ramos? Não conheço.

VELHO 1 — É o vovô! Esta faculdade! Respeito, criança! Aqui se formam gigantes! Respeito, criança!

ESTUDANTE — Professor. Me entenda, professor. Sou eu que sei. A Universidade é minha, não é sua. Sou eu que sei. É ruim. Não está certa. Falta tudo. É chata, é burra, é melancólica, é desinteressada, é covarde. Nós somos gente. Tem que respeitar a minha vida, professor. É preciso fazer os outros viverem! Todos viverem!

VELHO 1 — E não respeitamos a vida, criança? Não

respeitamos? Meus cabelos estão encanecidos, meus olhos já perdem seu brilho, minhas mãos perderam sua firmeza. Tudo por você, criança. Tudo para ensiná-lo!

ESTUDANTE — Não foi por mim, professor. Foi por sua causa. Para ter prestígio, para ter posição, para não precisar lutar pela vida, para não se engalfinhar nela. Já saiu dela. Preciso ferramenta, professor. Não de palavras bonitas e empoladas. Preciso que gastem mais comigo, professor. Quero aulas melhores, professores menos cansados, quero lugar para praticar, lugar para discutir. Não posso ir cair de quatro lá fora, professor! Sou gente. Tem que respeitar minha vida. Quero que mais gente estude, quero que mais gente pense. Esta faculdade está fechada, professor! Só entra aqui dentro quem já tem sua vida garantida à custa dos outros. Gente assim não precisa estudar. Basta se ilustrar para ter o que dizer em noites íntimas, em noites sociais!

VELHO 1 — Faculdade é fechada por princípio, criança. A cultura foi feita por todos ou foi feita por Aristóteles, Tomáz de Aquino e mais uns poucos? Quem? Quem mais pensou no mundo? É absorver os mestres e venerá-los, criança. Esse é o nosso dever. A humanidade precisa ser dirigida sempre. Deus não é camelô de graças. Ele ilumina a poucos. Esses poucos que fiquem juntos, enclausurados, longe das imundícies e das pequenezas do mundo. Sem eles, sem os lúcidos, o mundo seria só abjeção!

ESTUDANTE — Não, professor. É o homem que pensa, é a humanidade que trabalha. Quantos mais estiverem lúcidos de sua vida e de seu destino, mais homens seremos. Mais próximos estaremos de nós mesmos, dos nossos motivos, dos nossos descaminhos. É preciso abrir a faculdade!

VELHO 1 — Faculdade não é Parque Shangai, criança!

Faculdade não é Maracanã! Aqui só entram os escolhidos. Os não-contaminados do mundo e da safadeza! Só os que carregarão o peso da vida e da decência. Só aos devotos da verdade estas portas estão abertas! Esta casa é a tradição dela mesma. Tudo nesta casa tem um significado especial. Esta sineta, por exemplo, serviu para que Anchieta chamasse os índios para a primeira aula e hoje chama vocês para ensinar os mesmos valores que naquela época eram defendidos pelos jesuítas. Sinta a pressão minha criança! São coisas que não se desfazem num dia, atravessam séculos e não há "progresso científico" capaz de mudá-las. A Universidade é como o Lacerda: não muda, não sai do lugar!

ESTUDANTE — Abaixo a Universidade! Abaixo os velhos! Esperem! Vou à forra! Há de haver alguém no Brasil que se interesse por nós! Esperem!

(*Sai. O Bedel sai atrás. O Velho 4 volta a dormir. Os Velhos se recompõem. Voltam ao seu lugar de reunião.*)

VELHO 1 — Insolência!

VELHO 2 — A juventude me desilude. Só deviam existir velhos no mundo.

VELHO 3 — Velhos e velhas.

VELHO 4 — Velhos e mulheres. Dessa vez eu ouvi! Dessa vez eu ouvi! (*Volta a dormiricar.*)

VELHO 1 — Excelências, que se danem os estudantes, Excelências! Vamos ao último ponto. Deixei-o para o final por sua magna importância. Capital importância! Como deve ser chamado o membro desta egrégia Congregação? Deão ou decano? (*Pausa*)

VELHO 2 — Não é fácil.

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 2 — Deão. (*Experimenta*) Deão. (*Entusiasma-se*) Deão! Lembra leão! Lembra força! Creio que sou por Deão!

VELHO 1 — Deão? Muito bem. Seremos Deões então?

VELHO 2 — Ai! Deões! Esqueci que o plural de deão é deões! Deões é muito feio. Deões soa mal. Parece gente suja, que não se asseia... Deões? Não!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Então só nos resta decano.

VELHO 2 — Com cano no meio!

VELHO 1 — Não temos outra alternativa.

VELHO 2 — Nos resta o consolo de que todas as universidades usam o termo decano. Assim serão estreitados os laços de amizade entre os povos.

VELHO 3 — Tenho uma sugestão: os taizões!

VELHO 2 — Taizões, taizões? Lembra tarzã. Não pode. (*Lembra*) Os pelés!

VELHO 3 — Os Sabidinhos!

VOZES — (*Aglomeram-se. A luz vai diminuindo.*) Os bons de Bola! Velhinhos do Barulho! Os Gostosões do Saber! As Estrelinhas do Brasil! Os Soldadinhos da Cultura!

— Março de 1962 —